

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**THIAGO EVALDO ROSA**

**NEM ESAÚ, NEM JACÓ EM SEUS BONS DIAS: UMA ANÁLISE DA  
REPRESENTAÇÃO DA PASSAGEM DA MONARQUIA PARA A REPÚBLICA NA  
OBRA DE MACHADO DE ASSIS (1888-1904).**

**CURITIBA**

**2013**

**THIAGO EVALDO ROSA**

**NEM ESAÚ, NEM JACÓ EM SEUS BONS DIAS: UMA ANÁLISE DA  
REPRESENTAÇÃO DA PASSAGEM DA MONARQUIA PARA A REPÚBLICA NA  
OBRA DE MACHADO DE ASSIS (1888-1904).**

**Monografia apresentada ao curso de Graduação  
em História, Departamento de História, Setor de  
Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade  
Federal do Paraná como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel e licenciado em  
História.**

**Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Luiz Geraldo Silva**

**CURITIBA**

**2013**

## Resumo

A pesquisa tem como objetivo entender as representações literárias da passagem da Monarquia para a República a partir do disposto na obra de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), indivíduo considerado por muitos um dos principais escritores brasileiros e portador de uma biografia que instiga ainda mais o interesse em analisar seus escritos. Através de sua obra procurou-se estabelecer as relações que esta tem com a sociedade. Tentou-se compreender sua visão e sua representação a respeito do Império, da República e, sobretudo, da passagem de um para o outro regime político. Nosso objetivo é entender dessa forma como é tratada a questão da transição política na obra Machadiana. As fontes históricas desse trabalho são as obras *Bons dias*, uma série de crônicas produzidas para o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 5 abril de 1888 e 28 de agosto de 1889. Estão presentes no livro *Bons dias* organizado por John Gledson, professor da Universidade de Liverpool. Parte fundamental do projeto é uma obra que aborda o assunto da transição da Monarquia para a República de maneira ímpar, o livro *Esau e Jacó*, publicado em 1904, que cobre ficcionalmente o período de 1871 a 1894. A obra que é parte fundamental da fase madura de Machado de Assis. As duas obras tratam principalmente da elite social brasileira e de questões políticas como Abolição, Império e República. Por serem as fontes obras literárias, buscamos entender os significados das fontes ancorados em estudos da relação entre Literatura e História, buscando também um entendimento dos recursos literários utilizados pelo autor.

Palavras-chave: Machado de Assis, Transição política, Elite Imperial.

## **SUMÁRIO**

Introdução.....5

### **Capítulo 1**

1.1 Biografia de Assis.....14

1.2 Os Não-ditos de Assis.....19

### **Capítulo 2**

2.1 A elite em Machado de Assis.....23

2.2 Os excluídos em Machado de Assis.....29

2.3. Tradição e Progresso.....33

### **Capítulo 3**

3.1. Relação entre transição e momento transitório.....40

3.2. A Monarquia de Assis.....45

3.3. A República de Assis.....49

Considerações finais.....54

Fontes.....56

Referências Bibliográficas.....57

## INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta tem como objetivo entender as representações literárias da passagem da Monarquia para a República a partir do disposto na obra de Joaquim Maria Machado de Assis. Era este um indivíduo considerado por muitos um dos principais escritores brasileiros e portador de uma biografia que instiga ainda mais o interesse em analisar suas obras. Atuou em diversos segmentos literários; entre os quais podemos destacar suas atividades de contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta. Apesar de ter sido um homem extremamente culto, sua origem social e étnica não facilitava as qualidades que conseguiu desenvolver. Filho de um operário mestiço de negro com português, Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e faleceu em 29 de setembro de 1908. Enfrentou por um lado as dificuldades de ter ascendência negra em uma sociedade escravocrata, altamente excludente de direitos à sua etnia e por outro lado as barreiras impostas por uma situação de pobreza, ainda mais agravada por ter se tornado órfão cedo, o que o obrigou a trabalhar desde muito jovem para sobreviver. Apesar de suas dificuldades, conseguiu estudar e se tornar um intelectual, mesmo sem ter a oportunidade de frequentar escolas e ter uma educação formal.<sup>1</sup>

Através de sua obra procurou-se estabelecer as relações que esta tem com a sociedade. Através de seus elementos retóricos, figurativos e canônicos tenta-se compreender sua visão e sua representação a respeito do Império, da República e, sobretudo, da passagem de um para o outro regime político. Nosso objetivo é entender dessa forma como é tratada a questão da transição política na obra Machadiana. A respeito da escolha do tema, transição da Monarquia para a República, acreditamos em sua importância, pois reflete um momento central da história brasileira. Desde a época do evento até hoje tal processo é passível de várias interpretações. Lembremos algumas visões importantes desse fenômeno de transição, que são sem dúvida fundamentais para a análise que pretendemos fazer.

Durante o final do século XIX, para alguns sujeitos a República era uma aspiração nacional. Eles acreditavam que a liberdade individual tinha sido posta em perigo pelo Poder Moderador de Dom Pedro II. Dessa forma, na perspectiva desses indivíduos a República seria a concentração de uma vontade popular, levada a diante por pessoas corajosas e idealistas, que pretendiam colocar o país dentro das tendências do século, como atesta Costa

---

<sup>1</sup> MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis 1839-1870*. Ensaio de biografia intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, p. 16 a 17.

em seu livro.<sup>2</sup> Havia pessoas de tendências liberais, inspiradas em pensadores europeus que viam o Antigo Regime como uma instituição corrupta. Inspirados nessa ideia julgavam também com desconfiança o Império brasileiro. A Monarquia era acusada de retardar o progresso que a República supostamente traria. Em seu comando o Brasil supostamente teria sido uma terra em que os privilégios de alguns indivíduos os colocavam em uma posição superior e injusta em relação à maioria das pessoas, e onde a corrupção era desmedida, como lembra Carvalho.<sup>3</sup> Ademais a escravidão que marcava o país, era vista como um dos principais atrasos nacionais por parte dos críticos da Monarquia. Dessa forma, o advento republicano, como era propagandeado, colocaria a nação no progresso e seria responsável por intensas mudanças políticas e sociais.<sup>4</sup> Todavia é importante lembrar que a elite nacional era boa parte composta por grandes proprietários e por comerciantes ligados à economia de exportação-importação, assim sendo, interessados em manter as estruturas tradicionais.<sup>5</sup>

Entendimento diferente tinham os defensores da Monarquia. Para eles a República aconteceu por um levante militar, totalmente alheia a vontade do povo, que contou com o apoio de parte dos fazendeiros descontentes com a abolição da escravidão. Conforme esta versão, o Império era símbolo de conservação e de progresso, pois manteve a coesão de todas as regiões do país e conseguiu criar uma boa imagem da nação para o resto do mundo. Depois da transição política, para muitos, inclusive para antigos simpatizantes da República, o novo regime era marcado por muita confusão. Acreditavam que grupos civis desejosos de poder tinham influenciado as classes militares e tomado o governo de maneira inescrupulosa.<sup>6</sup> Em meio a isso, havia os que lembravam que a Monarquia brasileira tinha ensaiado um governo com partidos nacionais, eleições e imprensa livre, como relata Carvalho.<sup>7</sup> Acrescentavam também o fato que a nobreza era apenas nominal e não hereditária e que com o governo de Dom Pedro II o índice de moralidade pública era talvez o mais alto da história independente brasileira.<sup>8</sup>

Segundo Saes, o regime imperial excluía todos os que não estavam diretamente ligados a elite nacional do processo político, ao limitar a participação eleitoral com base no

---

<sup>2</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, p. 245.

<sup>3</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp.11.

<sup>4</sup> Idem, pp. 221.

<sup>5</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia...* Op. Cit, p. 221.

<sup>6</sup> Idem, pp. 250.

<sup>7</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas; o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 23.

<sup>8</sup> Idem, p. 26.

critério de renda. A massa populacional não tinha força representativa e em geral seus interesses de nada contavam. Essa dinâmica funcionava perfeitamente em uma sociedade na qual a população rural, em sua maioria, não tinha ascendido a uma posição de cidadania, por isso sua exclusão política era mais que natural na perspectiva das lideranças. Todavia é importante também ressaltar o fato de que não tinham ainda peso considerável as camadas médias urbanas, pois estavam em plena formação. Somente vieram a adquirir um maior grau de desenvolvimento na primeira república, período no qual se esforçaram para ter uma real participação política.<sup>9</sup> Não teriam peso porque desde o processo de seu surgimento servia de apoio às oligarquias agrárias a partir da política do favor. Os fazendeiros usando de sua influência colocavam nas principais funções burocráticas indivíduos que tinham laços afetivos e parentais com eles, em troca esse novo grupo acabou servindo de “massa de manobra” para políticas oligárquicas.<sup>10</sup> Em outro trabalho de Décio Saes observa que os próprios contemporâneos do Segundo Reinado já conseguem visualizar essa política de favor. Diz que além dos cargos públicos, as profissões chamadas independentes como advocacia, engenharia e medicina dependem da relação de favor com as elites escravocratas. Descontentes com as políticas de favor, alguns setores das classes médias não diretamente favorecidas por essa situação buscavam mudanças políticas que valorizassem seu extrato social, viam na Abolição e na República, etapas necessárias para ganhar maior influência política.<sup>11</sup>

Saes ao continuar sua argumentação relata que com a instauração da República teoricamente em um modelo liberal-democrático, como indicava o presidencialismo, com sufrágio universal, separação de poderes, e eleições diretas para o Legislativo e o Executivo continuava existindo uma separação entre os que tinham poder político e o restante da população. Houve na verdade uma ampliação dos quadros formais de parte da elite nacional. Os grupos mais ricos, principalmente grandes proprietários rurais, continuaram a excluir as demais camadas sociais. A adoção do federalismo implicava a ideia de uma descentralização republicana, todavia acabou por dar maior autonomia para grupos oligárquicos. Entretanto a exclusão do voto das outras classes deu-se de maneira diferente, a prática foi a de cercear o direito ao voto para os analfabetos, o que na prática permitia que apenas uma parcela ínfima da população votasse.<sup>12</sup> Carvalho reforça essa ideia e relata que tanto no Império, como na

---

<sup>9</sup> SAES, Décio. *Classe Média e Política na Primeira República Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1975, p.47.

<sup>10</sup> Idem, p. 34.

<sup>11</sup> SAES, Décio. *A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)*. São Paulo Editora Paz e Terra, 1985, pp. 88.

<sup>12</sup> Idem, p. 47 a 48.

República os pobres foram excluídos. Para ele a exclusão dos analfabetos à votação era particularmente discriminatória, pois o estado excluía esse grupo, ao mesmo tempo em que se eximia do dever de dar acesso a educação primária. A manutenção desse jogo político ficava garantida porque somente estudava quem tinha recursos financeiros para tanto.<sup>13</sup>

Costa e Carvalho focam suas atenções principalmente na elite que conseguiu se perpetuar mesmo com a transição política. A primeira lembra que o país tinha seus grupos influentes formados por proprietários ligados à economia rural, assim sendo pretendiam deixar intacta as estruturas tradicionais da economia, apesar de apoiarem a República. O segundo lembra que o Império era acusado de ser uma terra de privilégios para um pequeno grupo, e que com a transformação ocorrida a nova estrutura política compartilhou dos mesmos rumores. Outro aspecto observa Saes em seu livro, ao analisar que a camada média da população somente ganhou projeção com o novo sistema político, pois conseguiu espaço representativo, não deixando inteiramente intacta a antiga elite. Entretanto a elite ainda continuou exercendo toda sua influência, por mais que tenham conseguido maior espaço político as classes médias não conseguiam opor-se as classes dominantes a ponto de contestá-las.

Antes de entrar em uma apresentação sobre as fontes que serão utilizadas, consideramos necessária uma pequena justificativa sobre o uso de obras literárias para legitimar seu uso, pois algumas questões logo aparecem: qual influência que o mundo social tem sobre a obra literária? E qual a influência exercida por esta nos meios sociais? Durante os séculos XIX e XX alguns estudos somente interessaram-se em compreender em que medida determinada obra correspondia à realidade. Outra tendência foi a de analisar os conteúdos sociais das obras, tendo como motivações aspectos morais ou políticos. Tais aspectos sociais eram entendidos como essenciais e ajudavam a determinar sua qualidade.<sup>14</sup> Uma concepção sociológica moderna a respeito das duas tendências anteriores é a de afirmar que elas serviram para demonstrar que uma obra artística é social nos dois sentidos. Por um lado, ela depende de fatores do meio social e, por outro, tem um efeito prático sobre o leitor, modificando sua visão de mundo ou reformando seus valores sociais. Existem vários momentos da produção de uma obra artística que vai desde o artista, isto é, a partir de uma vontade pessoal, orientando-se pelos padrões de sua época; o tema, as escolhas realizadas

---

<sup>13</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados...* Op. Cit, p. 44.

<sup>14</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, pp. 30.



pelo autor; o uso de certas formas e por último o efeito sobre o meio, como atesta Cândido.<sup>15</sup>

Para Pereira e Chalhoub a História pode usar a literatura para analisar a forma como ela constrói ou representa a sua relação com a realidade social. Lembram que Machado de Assis afirmava que se deve exigir do escritor antes de tudo uma aproximação com os assuntos pertinentes ao seu tempo e ao seu país.<sup>16</sup> Outro aspecto destacado por esses autores é que as políticas de dominação vigentes na sociedade brasileira do século XIX podem ser caracterizadas como paternalistas. Em outras palavras, quem tinha poder eram as elites senhoriais, que influenciavam toda a sociedade, sobrando como única possibilidade para a restante da população a obediência cega. Lembram que esse assunto é recorrente na obra Machadiana, nas quais o autor se preocupava em expor o problema de maneira detalhada.<sup>17</sup> Acredito que é importante entender que a literatura é influenciada pela sociedade, mesmo que o autor tente se ausentar de seu presente. Entretanto, ele faz parte desse momento, assim sua criação sofre essa influência. Todavia, também a obra influencia o mundo social mesmo que ela não tenha esse objetivo, dessa forma legítima ou contrária valores sociais presentes em sua contemporaneidade.

As fontes históricas desse projeto serão as obras *Bons dias*, uma série de crônicas produzidas para o jornal *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, entre 5 abril de 1888 e 28 de agosto de 1889. Estão presentes no livro *Bons dias* de organização de John Gledson, professor da Universidade de Liverpool e estudioso de Literatura brasileira, que nele reuniu as crônicas e auxilia com notas explicativas. Parte fundamental do projeto é uma obra que aborda o assunto da transição da Monarquia para a República de maneira ímpar, o livro *Esaú e Jacó*, publicado em 1904, que cobre ficcionalmente o período de 1871 a 1894. A obra é parte fundamental da fase madura de Machado de Assis.<sup>18</sup> Todavia existe um artigo de Luiz Carlos Bento<sup>19</sup>, professor de História da Educação da Universidade Estadual de Goiás, que utiliza *Esaú e Jacó* para fazer uma análise próxima da que propomos realizar. Intitulado A Transição da Monarquia a República no Brasil nas representações literárias de Machado de

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem.

<sup>16</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. *A História Contada*. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.7

<sup>17</sup> Idem, p. 96 a 97

<sup>18</sup> SENNA, Marta de e Heringer, Victor. *Notas dessa edição eletrônica : Esaú e Jacó*, Novembro de 2010. Disponível em: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/esauejaco.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/esauejaco.htm). Acesso em: 14 de maio de 2012.

<sup>19</sup> BENTO, L. C. *A Transição da Monarquia a República no Brasil nas representações literárias de Machado de Assis*. Goiás: Expedições, v.1, n.1, dez. 2010. Disponível em: [http://www.cdn.ueg.br/arquivos/revista\\_geth/conteudo/149/artigo5\\_luiz2\\_PRONTO.pdf](http://www.cdn.ueg.br/arquivos/revista_geth/conteudo/149/artigo5_luiz2_PRONTO.pdf) Acesso em: 11 jun. 2012.

Assis, o artigo em questão utiliza-se das obras *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Percebo que o livro que escolhemos em comum tem enorme potencial para ainda ser explorado uma vez que a questão é bastante abrangente. Fica ainda mais instigante nossa pesquisa e diferente da pesquisa de Bento, porque utilizamos as crônicas *Bons dias*, repleta de conteúdos passíveis de serem trabalhados que tem ligação com a problemática central desse trabalho e por terem sido produzidas no cotidiano das grandes transformações políticas que nos interessa, dessa forma poderá sugerir outras reflexões, diferentes das do livro *Esau e Jacó*, por ter sido escrito alguns anos após os eventos que marcaram a transição dos regimes políticos.

A importância das crônicas *Bons dias* começa pelo fato de elas terem sido contemporâneas de eventos como a abolição da escravatura e de estarem tão próximas da data que marca o advento da República. Para John Gledson essas crônicas têm um forte sarcasmo, que assume uma visão pessimista a respeito das mudanças que estavam acontecendo no período. Para ele, Machado não parecia somente escrever suas crônicas por uma obrigação jornalística, uma vez que tinha com interesse emitir sua opinião sobre eventos de sua época. Um assunto recorrente em suas crônicas é a Abolição da escravatura (13 de maio de 1888), posto que entendia que esse evento provocaria uma crise institucional e não traria os fundamentos exaltados nos discursos de liberdade, feitos pelos abolicionistas .

A escolha de *Esau e Jacó* por sua vez, se deu porque a obra aborda de maneira complexa e admirável temas relativos à Abolição e à República. O enredo apresenta dois irmãos gêmeos: Pedro, que é um monarquista, e Paulo que é um republicano. A relação entre os dois é muito conturbada, não somente por suas opções políticas, mas também em decorrência de suas personalidades. Enquanto o primeiro é cauteloso e dissimulado, o segundo é arrojado e impetuoso .<sup>20</sup> Talvez os dois gêmeos possam ser encarados como a personificação da Monarquia e da República. Existem várias passagens no livro que podem ser entendidas como uma análise do momento de transição política brasileira. Machado possivelmente queria de maneira figurada dizer com alguns artifícios narrativos que a passagem de um para outro governo apesar de representar uma profunda mudança na sociedade, não alterariam algumas situações. Acredito que é possível fazer um paralelo com os republicanos que queriam mudar o sistema político, mas mantendo parte do sistema e de suas relações de poder.

---

<sup>20</sup>ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Editora Escala, 1997, pp. 9.

Acreditamos ser necessário uma breve análise das estratégias literárias usadas por escritores como Machado de Assis. Para Massaud Moisés, em seu livro *A Criação literária*, escritores romancistas, como é o caso de Machado de Assis, tendem a recriar o mundo em suas obras. Reconstruir a sua maneira, de modo único e original a sociedade ao seu redor, mas transparecendo uma visão particular sobre o mundo social. Ainda argumenta que é exatamente quando esse mundo está em crise que se torna mais importante a tarefa do romancista.<sup>21</sup> Esse processo de recriar a sociedade nos livros, conta em grande parte com o uso de metáforas. Segundo Oliveira e Câmara em um artigo intitulado *Extensões da Metáfora Literária*, a compreensão metafórica, é uma operação de entendimento de conceitos variados. Para entendermos um poema, por exemplo, é necessário o conhecimento de mundo adquirido na vida cotidiana para estabelecer sentido, porque é a partir de modelos cognitivos idealizados de experiências e cultura, como tempo, vida, morte que compreendemos uma obra. Oliveira e Câmara citam que escritores que se utilizam da metáfora usam mecanismos do pensamento cotidiano, porém os ampliam, os elaboram e os questionam de forma não convencional.<sup>22</sup> Esses autores apresentam a hipótese de que a escrita, assim como a língua nada mais é que uma metáfora da realidade, pois não nos propicia acesso ao real em si, mas apenas a uma interpretação desse real. Assim a metáfora literária nada mais é que uma forma de interpretação do mundo social, na qual, o escritor sabendo de sua incapacidade de captar o real, utiliza-se de criações fantasiosas que em suma tem incutido interpretações da realidade.<sup>23</sup>

Machado de Assis escreve a partir de um pensamento crítico e de uma rede complexa de sentidos e significados não completamente expostos. Uma leitura desatenta faz com que o potencial de suas obras não seja totalmente revelado. Para Gilberto Mendonça Teles uma das palavras obsessivas de Machado de Assis é a dissimulação. Ela está presente em todos os seus romances. Um pensamento que se manifesta indiretamente através de uma força ideológica que se apresenta de algumas formas variadas, e que costuma se apresentar nos detalhes. Foi dentro dessa atitude que escreveu seus textos de crítica, nunca dizendo, entretanto, tudo que pensava, muito menos expondo todos seus pensamentos negativos.<sup>24</sup> Machado utiliza-se constantemente de metáfora nas suas obras. Segundo Dirce Côrtes

---

<sup>21</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968, p. 155 e 156.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Antonio Marcos Vieira de e CÂMARA, Luciano Oliveira. *Extensões da metáfora literária*. Disponível em: [www.pgletras.uerj.br/linguistica/jel/2010/resumos/VIJELUERJ\\_SC\\_XXI\\_R02.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/jel/2010/resumos/VIJELUERJ_SC_XXI_R02.pdf)> Data de acesso: 11 de jun. 2012.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>24</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *A teoria do Romance em Machado de Assis*. Estudos de Literatura Brasileira, 1994, pp. 22 a 27

Riedel, ele estabelece sua obra como se organizasse um mundo de aparência lógica, todavia paulatinamente vai descrevendo toda uma insensatez e vacuidade que são apresentadas com uma dose de humor. Seus livros questionam dessa forma uma sociedade que se supõe estável e que se estabelece a partir de valores fixos, em que tudo deve ter um sentido claro e objetivo.<sup>25</sup> Uma crítica a sua sociedade começa quando utiliza-se de metáforas nos seus textos, o que escreve muitas vezes tem um significado objetivo em primeiro momento, mas a partir de uma observação mais atenta possibilita outras interpretações que em alguns casos mantém uma lógica aparente ou não. Para Riedel os textos de Machado de Assis são quase sempre baseados na paródia. Com esse recurso a palavra tem uma orientação dupla, em direção ao objetivo da narrativa e em direção à uma outra palavra, o falar de um outro. Parodiam-se tipos sociais, históricos, personagens parodiam personagens; personagens se parodiam a si próprios, além de paródias de sistemas e doutrinas.<sup>26</sup> Caso não seja conhecido este segundo contexto a paródia não será compreendida, o leitor entenderá o escrito como um modo de falar comum, perdendo toda uma parte importantíssima da obra. Machado apresenta dessa forma toda uma profunda análise a respeito da elite social, que em primeiro momento parece ser formada por indivíduos ilibados. Todavia vai revelando duras críticas a uma sociedade que só se importava com as aparências, com os títulos de nobreza, com seus interesses de grupo e que mesmo no momento de transição política, não se importam tanto com o tipo de governo se seus interesses continuassem sendo atendidos. Utiliza-se de metáforas nos seus textos, o que escreve muitas vezes tem um significado objetivo em primeiro momento, mas a partir de uma observação mais atenta possibilita outras interpretações. Dessa forma os trechos metafóricos presentes na obra Machadiana, apesar de serem cenas fictícias, e às vezes aparentemente distantes de uma discussão de transição política, podem carregar de forma sutil, fortes interpretações desse momento.

Acreditamos que as fontes dão margem a discussões a respeito da sociedade de sua época. Possibilitam compreender como essas questões eram vistas por Machado de Assis. De que forma ele compreendia e queria retratar a elite brasileira, juntamente aos assuntos pertinentes ao período de transição política. O autor faz observações que correspondem a seu meio social e sua visão política. Grande relevância tem essas fontes para nosso projeto, elas apresentam pensamentos presentes em sua época, posto que a obra é influenciada e influencia a sociedade e não se desenvolve de maneira isolada. Assim sendo, pretendemos

---

<sup>25</sup> RIEDEL. Dirce Côrtes. *Metáfora*, o espelho de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974, pp. 29.

<sup>26</sup> Idem, p. 5

analisar a representação machadiana a respeito da transição política entre Monarquia e República, para tal além das fontes, utilizaremos trabalhos sobre o autor, sobre a história do período e sobre o uso de literatura. Com o arcabouço teórico bem delimitado poderemos compreender de maneira mais complexa toda a questão, ademais propiciará maior mobilidade para trabalharmos nosso tema e os subtemas que dele podem surgir.

## 1. Primeiro Capítulo.

### 1.1 Biografia de Assis.

O autor das duas obras utilizadas nessa pesquisa, Machado de Assis, teve uma vida muito interessante e uma biografia muito extensa. Acreditamos que uma análise mais detalhada de alguns aspectos é fundamental para um entendimento mais profundo das fontes *Bons Dias* e *Esau e Jacó*. Em sua infância algumas situações com certeza contribuem para esclarecer os posicionamentos marcantes que teve durante sua vida adulta como escritor. Segundo Jean-Michel Massa, nasceu em uma sexta-feira, 21 de junho de 1839, batizado com o nome Joaquim Maria Machado de Assis, na chácara do Livramento no Rio de Janeiro, onde viviam seus pais Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado. Os bisavôs paternos tinham também nascido nesse lugar, mas na condição de escravos.<sup>27</sup> Os pais de Machado de Assis viviam na fazenda na condição de agregados, trabalhando com a exploração agrícola.<sup>28</sup> Todavia mesmo como empregados existia uma relação próxima entre os senhores da fazenda com Francisco José e sua esposa, tanto que foram padrinhos do futuro escritor e de sua irmã.<sup>29</sup> Nesse momento já aparece uma dualidade de realidades que possivelmente marcou e muito Machado de Assis. Apesar de o escritor ter nascido pobre e neto de escravos, desde cedo teve contato com uma realidade diferente da sua, nesse caso a de seus padrinhos que tinham uma condição econômica e social privilegiada. Lúcia Miguel Pereira relata que o pequeno Joaquim, vivia entre a casa pobre dos pais e a casa opulenta da madrinha, por isso teria desde cedo aprendido a distinguir a diferença das sortes. Essa situação talvez seja uma das explicações de sua aceitação da hierarquia social e sua ambição pessoal.<sup>30</sup> Acreditamos que tenha surgido nesse momento seu interesse em ascender socialmente.

Joaquim Maria teve uma infância aparentemente feliz em Livramento, porém ainda na meninice foi morar na cidade. Talvez um dos principais motivos para essa mudança seja as provações que seu pai e ele tiveram que passar. Em 1845, sua irmã morreu de sarampo e somente três meses mais tarde sua madrinha também faleceu pelo mesmo mal. Apesar de ter apenas seis anos, com certeza ele não pôde ter ficado totalmente alheio a dor geral, porém

---

<sup>27</sup> MASSA, Jean-Michel. *A Juventude...* Op.cit,p.31.

<sup>28</sup> Idem, p.50.

<sup>29</sup> Idem, p.61.

<sup>30</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955, p.30.

ainda existiria outra provação. Três anos ainda se passaram antes que ela viesse. No início de 1849, sua mãe acometida de tuberculose acabou por falecer. Mesmo com contato direto com ela não se contagiou e possivelmente adquiriu imunidade à doença.<sup>31</sup> O drama vivido pela criança ficou gravado em suas memórias tanto que em 1906, em uma de suas últimas obras, *Relíquias de Casa Velha*, escreveu um conto a respeito de uma criança que é buscada na escola por motivo da morte de seu pai e que depois de uma semana em luto, sua irmã também vem a falecer. Apesar de o conto ter disparidades em relação à história vivida na infância de Assis, existem semelhanças que são evidentes e ajudam a ilustrar uma das marcas atribuídas ao escritor, certa dose autobiográfica em seus livros.<sup>32</sup> Por volta de 1854 ele e seu pai a colônia de Livramento e foram se instalar no Rio de Janeiro. No mesmo ano Francisco José casou-se pela segunda vez tornando assim Maria Inês da Silva madrasta de Joaquim Maria.<sup>33</sup>

A madrasta de Machado é uma personagem importante para entendermos o seu desenvolvimento intelectual. Ela era doceira no Colégio Meneses, em São Cristóvão. O futuro escritor, que várias vezes ajudava no serviço teria tido a oportunidade de assistir a aulas no estabelecimento em muitas oportunidades. Sentava ao fundo para não interferir muito, teria lá aprendido rudimentos de latim e francês. Além disso, ela teria ensinado o pouco que sabia no que se tratava de uma educação formal ao menino.<sup>34</sup> O interesse do rapaz em ser instruído era sem dúvida muito forte, pois não teve tantas oportunidades para uma sólida formação acadêmica. As poucas que teve foram muito bem aproveitadas. Como não nasceu dentro da elite social e econômica, parece que queria buscar recursos para ascender socialmente e como tinha interesse e facilidade com os estudos, esse foi o caminho que escolheu para entrar no mundo social que tanto admirava.

Outra contribuição importante da madrasta teria sido o pedido que fez a um padeiro da vizinhança que ensinasse a língua de seu país natal ao jovem rapaz. Com o aprendizado em francês que conseguiu com o padeiro, adquiriu uma noção básica da língua que foi mais bem desenvolvida com uma aproximação com a família Gallot. Uma casa de família que freqüentava assiduamente, não somente pelo prazer da companhia, mas com o intuito de adquirir uma melhor desenvoltura e pronúncia na língua.<sup>35</sup>

---

31 MASSA, Jean-Massa. *A Juventude...* Op. Cit, p. 67.

32 Idem, p. 68.

33 Idem, p. 72.

34 Idem, p. 72 a 74.

35 Idem, p. 79

Como Machado tinha uma condição humilde, não podia se dar ao luxo de se dedicar somente aos estudos, tinha dessa forma também que trabalhar. Aqui utilizamos obra de Lúcia Miguel Pereira, segundo a qual a primeira experiência profissional de Machado foi como caixeiro numa papelaria, todavia não tinha vocação para o comércio, por esse motivo no contraturno se dedicava a leituras de assuntos em geral e o aprendizado do francês. Era na verdade um adolescente tímido, porém ousou fazer-se íntimo de estrangeiros, porque o desejo de subir de classe era mais forte que sua inibição natural.<sup>36</sup> Em 1856 foi trabalhar como tipógrafo aprendiz para a *Imprensa Nacional*. Nos dois anos que ficou trabalhando no local fez amizade que Silveira Sarmiento, que viria lhe influenciar, compartilhando ensinamentos e oportunidades ao jovem.<sup>37</sup> Em 1858 Assis deixou a dando *Imprensa Nacional*, onde não era mais tipógrafo e sim revisor de provas. Foi exercer a mesma função no *Correio Mercantil*, o novo ofício tirava-o de vez da condição operária para colocá-lo de vez na condição de jornalista. Anos mais tarde publicou o conto *Miloca* no *Jornal das famílias* que conta a história de um poeta pobre, ex-tipógrafo e no momento revisor de provas, que presente em jantar de alta classe, pensa a respeito da possível reprovação de sua presença pelo anfitrião se confessasse toda sua humilde condição.<sup>38</sup> O que tem com certeza uma forte influência autobiográfica, pois Machado ao entrar de vez na imprensa começa a manter contato com uma realidade social bem diferente da que era acostumado. Através de seu trabalho na imprensa e das amizades que daí surgiram começa a penetrar cada vez mais em um ambiente elitizado, esse novo ambiente que parece ter buscado a partir de seu interesse nos estudos. Na imprensa seu novo círculo social e a constante necessidade de opinar a respeito das questões políticas da época, ajudaram a desenvolver o autor que futuramente viria a ser consagrado por seus livros.

Com sua contribuição nos jornais teve contato com vários grupos de estudo e debate. Ao que parece Machado de Assis gostava das discussões críticas e da aproximação de intelectuais, alguns com uma carreira já estabelecida. Entrou para o grupo chamado *Marmota*, a sociedade lítero-humorista fundada por seu amigo Paula Brito. Os jovens que faziam parte desse grupo iniciaram a publicação de uma revista que tinha conteúdo humorístico, na qual já era possível ver o grande talento do jovem Assis para a escrita. Logo após em 68, lança-se como crítico literário em seu ensaio: *o Passado, o Presente e o Futuro da Literatura*.<sup>39</sup> Obra

---

36 PEREIRA, Lúcia Miguel. Machado...Op. Cit. p. 44.

37 Idem, p. 54.

38 Idem, 60 e 61.

39 ASSIS, Machado de. "O passado, o presente e o futuro da literatura". In: \_\_\_\_\_. Obras completas. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1962c, v.3, p. 785-789.



em que encara a literatura como um meio de fixação da nacionalidade, evidenciando a escravização aos cânones portugueses e também condenando o indianismo, pois considerava que a sociedade brasileira não tinha sido muito influenciada pelos habitantes nativos do lugar. O escritor fez também parte do Clube Literário Fluminense, aumentando assim seu círculo de amizades. Buscou participar desses grupos intelectuais para conseguir amizades que o ajudassem na carreira nas Letras. Por volta 1859, participava pelo menos de duas sociedades literárias e colaborava em quatro jornais.<sup>40</sup>

Das amizades que Machado fez nesses grupos, uma de grande importância foi a de Quintino Bocaiúva, que era redator principal do *O Diário do Rio de Janeiro*. Deu oportunidade para o jovem trabalhar em seu jornal, dessa forma Machado teve maiores desafios. Tinha que tratar de assuntos eminentemente políticos para um grande público, e nesse momento mostrou uma crítica aguçada contra parte da elite nacional. Uma crítica em especial tem como alvo José Ildefonso de Sousa Ramos, que era ministro do Império. Machado critica o ministro por ter promulgado um decreto a respeito de concessão de condecorações. O jornalista chegou a dizer que o país real era bom, mais o país oficial, representado por uma elite que se importava somente com títulos sociais era caricato e burlesco.<sup>41</sup> Apesar de se identificar com as elites o escritor não deixou de criticá-la, talvez porque teve que se esforçar desde cedo para conseguir uma melhor condição de vida e um respeito social, via com maus olhos a elite que vivia de aparência e de condecorações que não fizeram por merecer, a não ser por uma troca de interesses.

O primeiro livro de Machado foi de poesia publicado em 1864, *Crisálidas*. No qual tratava do tema relativo ao amor. Na verdade era praticamente uma compilação de textos publicados em jornais e revistas anteriormente. Seus livros seguintes também foram em maior parte compilações antigas publicações. *Contos Fluminenses* em 1870, *Histórias da Meia-noite* em 1873. O primeiro livro em que o autor publicou um conteúdo inédito do que havia em suas publicações periódicas foi em *Ressurreição* em 1872, sendo seu primeiro romance, no qual aparecem características marcantes de seus futuros livros, uma narrativa complexa com uma penetração psicológica.<sup>42</sup> Seus próximos livros *A mão e a luva* em 1874, *Helena* em 1876, *Iaiá Garcia* em 1878. O romantismo é o gênero a que pertencem esses livros, o que separa eles dos seus últimos livros, por serem realistas. O que chama atenção

---

<sup>40</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado...Op. Cit.* p. 67.

<sup>41</sup> Idem, p. 77 a 78.

<sup>42</sup> Idem, p. 133 a 134.

nesses livros é o eixo central das histórias, todas giram em torno da mudança de classe.<sup>43</sup> Neles o autor mostra como a questão da hierarquia social está presente em seus questionamentos. As personagens das histórias demonstram a mesma ambição e luta contra a hierarquia social, que também marcam a trajetória de Machado de Assis. Que desde novo se identificou com as elites e lutou para fazer parte dela, mas que mesmo assim não impediu de ser crítico a elas quando enxergava uma aristocracia ociosa.

Em 1869 casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novaes, moça portuguesa que veio ao Brasil com seu irmão Faustino. O rapaz fazia parte de um grupo de poetas que tinham contato com Machado de Assis. Primeiro tornou-se amigo de Faustino, depois conheceu e casou com Carolina. Moça culta que logo interessou Machado de Assis. Casado e com estabilidade na Secretária de Agricultura se dedicou mais intensamente a escrever livros. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881, *Quincas Borba* em 1891, *Dom Casmurro* em 1899, *Esau e Jacó* em 1904, *Memorial de Aires* em 1908. Todos esse livros com estilo realista.<sup>44</sup> O espírito crítico, pessimismo em relação às pessoas, utilização de ironia, de metáforas e linguagem dissimuladas marcam suas histórias, que trazem uma intensa análise da sociedade brasileira, principalmente em se tratando das elites, que sempre foi seu foco de interesse.

De 5 de abril de 1888 a 28 de agosto de 1889, Machado de Assis escreve as Crônicas *Bons dias*, na qual o tema da transição política está presente, bem como da abolição da escravatura, tão ligada a transição política. Segundo R. Magalhães Junior em um banquete que marcava o início de um gabinete político eminentemente abolicionista, Ferreira Viana cometera um indiscrição ao dizer que pretendia fazer a abolição e que os senhores de escravos não teriam suas indenizações. A fala provocou profunda indignação de parte do público presente. Logo que ficou noticiada a situação ocorrida, Machado de Assis publicou em sua crônica de 5 de abril de 1888 o seguinte comentário: “acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer, o melhor é fazer calado”.<sup>45</sup>

A questão da transição da Monarquia para a República era presente nas conversas de Machado de Assis, até momentos antes da proclamação não acreditava que a República seria instaurada tão logo, acredita que o regime mudaria, mas esperava que no mínimo vinte anos passassem para que isso acontecesse. Apesar de ter amizade com indivíduos importantes da campanha republicana, Machado inclinava-se a Monarquia, admirava o Imperador e o tempo

---

<sup>43</sup> Idem, 156

<sup>44</sup> Idem, 203 a 206.

<sup>45</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias: Introdução e Notas* John Gledson. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.35.

que ficou governando o país. Não acreditava que a República viesse antes da morte de Dom Pedro II.<sup>46</sup>

Os autores utilizados para traçar a vida de Machado de Assis, aproximam-se a apresentá-lo como um indivíduo intelectualizado, que se mantinha ciente das questões principais da sua sociedade. Talvez por ter vindo de uma condição humilde e ascendido social e financeiramente devido a um grande esforço, era muito crítico as classes que se mantinham no poder, mas que viviam na ociosidade e nas trocas de favor motivados por interesses pessoais. Tornou-se jornalista o que sem dúvida colaborou para um desenvolvimento mais requintado de sua crítica social. Participativo nas mudanças que iam surgindo na sociedade brasileira teve grande interesse nas questões da abolição e na transição da Monarquia para a República. Seus livros, principalmente já na maturidade não deixam de discutir questões sociais e políticas e mesmo perto de sua morte (29 de setembro de 1908) continuou a escrever.

O interesse do autor em analisar sua sociedade e a política que nela existia, marcam suas obras, todavia Machado não é totalmente óbvio em suas análises e observações, utiliza-se de vários recursos literários para construir suas histórias. Dessa forma é necessário para entender claramente seus questionamentos a respeito do seu mundo social, uma análise dessas astúcias literárias de que se utilizava frequentemente.

## **1.2 Os Não-ditos de Assis.**

As obras de Machado de Assis são marcadas por uma rede complexa de sentidos, significados não completamente revelados. Uma leitura desatenta faz com que o potencial dos seus livros não seja totalmente exposto. Dessa maneira a leitura fica muito empobrecida. Devido a isso é importante analisar recursos presentes na obra do escritor que passam a ser úteis para um mais profundo entendimento de suas questões.

Para Gilberto Mendonça Teles uma das palavras obsessivas de Machado de Assis é a dissimulação, ela está presente em todos os seus romances. O escritor Machado de Assis teria percebido cem anos antes do estruturalismo, que literatura é dissimulação, e é a partir dela que a obra se enche de conteúdo. Um pensamento que se manifesta indiretamente através de uma força ideológica que se apresenta de algumas formas variadas, e que costuma se apresentar nos detalhes, como através de conteúdos, temas e estruturas presentes na

---

<sup>46</sup> VIANA, Luís Filho. *A Vida De Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 133.

narrativa. Assim o autor se dissimulava em escritor, o escritor em narrador, o narrador em personagem e o personagem em acontecimento. Foi dentro dessa atitude que escreveu seus textos de crítica, nunca dizendo entretanto tudo que pensava, muito menos expondo todos seus pensamentos negativos. Para Machado de Assis deve-se exigir do escritor, sentimento íntimo e interesse por seu tempo e por seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. O que demonstra a necessidade de se utilizar de uma linguagem indireta em suas histórias, porque mesmo tratando de um outro momento sempre tinha em mente evidenciar as questões de seu tempo.<sup>47</sup>

Segundo Dirce Côrtes Riedel, Machado organiza sua obra como sendo um mundo de aparência lógica, todavia paulatinamente vai descrevendo toda uma insensatez e vacuidade que são apresentadas com uma dose de humor. Seus livros questionam dessa forma uma sociedade que se supõe estável e que se estabelece a partir de valores fixos, em que tudo deve ter um sentido claro e objetivo.<sup>48</sup> Uma crítica a sua sociedade começa quando se utiliza de metáforas nos seus textos, o que escreve muitas vezes tem um significado objetivo em primeiro momento, mas a partir de uma observação mais atenta possibilita outras interpretações que em alguns casos mantém uma lógica aparente ou não.

Para Riedel os textos de Machado de Assis são quase sempre baseados na paródia. Com esse recurso a palavra tem uma orientação dupla, em direção ao objetivo da narrativa e em direção à uma outra palavra, o falar de um outro. Parodiam-se tipos sociais, históricos, personagens parodiam personagens; personagens se parodiam a si próprios, além de paródias de sistemas e doutrinas<sup>49</sup>. Caso não seja conhecido este segundo contexto a paródia não será compreendida, o leitor entenderá o escrito como um modo de falar comum, perdendo toda uma parte importantíssima da obra.

Segundo Oliveira e Câmara a metáfora está presente desde conversas do cotidiano até as manifestações literárias e artísticas mais elaboradas. Não está somente localizada na linguagem, mas essencialmente na utilização do conceito de um domínio mental no lugar de outro. Oliveira e Câmara citam Lakoff e Turner ao dizer que os grandes poetas são capazes de se comunicar porque utilizam formas de pensamento compatíveis com seu público. Na verdade a metáfora utiliza-se de conceitos conhecidos e prontos, mas os reelabora a partir de processo de extensão, questionamento ou combinação, dessa forma construindo novos

---

<sup>47</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *A teoria do Romance...* Op.cit, p. 22 a 27

<sup>48</sup> RIEDEL. Dirce Côrtes. *Metáfora...* Op.cit, p. 29.

<sup>49</sup> Idem, p. 5

conceitos. Utilizam forma de pensamento cotidiano, mas os modificam de forma que vão além do convencional.<sup>50</sup>

Para a compreensão de um texto metafórico é necessário um entendimento de conceitos variados, como morte, vida, tempo.<sup>51</sup> Sem o conhecimento de determinados significados um poema, por exemplo, pode se tornar indecifrável, ou mesmo lido somente em um nível raso, sem as devidas compreensões de maior profundidade que poderiam ser evidenciadas se o leitor tivesse um domínio mais amplo das práticas metafóricas do autor. O leitor, a nosso ver precisa estar familiarizado com certa bagagem cultural correlacionado com o texto metafórico que quer compreender. Quando o objeto de estudo é um período do passado relativamente distante, conhecer o autor e seu mundo social é ainda mais importante para se compreender todos os nuances do seu texto. Acreditamos que as metáforas são meios de retratar situações que não conseguem ser apresentadas com a mesma intensidade quando se busca a objetividade, o escritor busca conexões antes inexistentes para tentar exprimir melhor seu relato.

Segundo Gustavo Bernardo Krause a metáfora não é apenas uma comparação entre dois objetos isolados, ela diz outras coisas que uma simples comparação não permitiria fazer, porque é transgredido o que é considerado aceitável pelo senso comum. Ao combinar no mínimo dois sentidos em um único signo, ela apresenta um sentido que pode ser visto sempre por outra perspectiva. Rompe com a linearidade do discurso e se alteram as pressuposições de identidade e significado.<sup>52</sup> Considerar toda a linguagem como metafórica é afirmar que ela é eminentemente equívoca, dessa forma é interessante trabalhar com a metáfora em sua ambigüidade natural e não abrir mão dessa ferramenta em nome de uma necessidade de exatidão. Ademais, na literatura é o lugar em que as metáforas não se escondem, assim sendo para alguns é possível dizer que é na teoria literária que um discurso privilegiado surge para lidar com a realidade.<sup>53</sup> Acreditamos que a metáfora apesar de criar um sentido novo inexistente anteriormente, o que pode ser encarado como uma descrição sem sentido tem na verdade o objetivo de buscar uma nova forma de descrição ao que o escritor não conseguia dizer, por ser um conceito novo. Ela não tem um compromisso com a realidade factual, mas sim com as ideias e sentimentos daquele que as cria.

Machado de Assis ao escrever seus textos fazia com que o leitor tivesse que estar atento e situado minimamente no contexto da obra para entendê-la de forma mais

---

<sup>50</sup> OLIVEIRA, Antonio Marcos Vieira de e CÂMARA, Luciano Oliveira. Extensões...Op.cit, p.1.

<sup>51</sup> Idem, p. 2.

<sup>52</sup> KRAUSE. Gustavo Bernardo. Conhecimento e Metáfora. Alea. *Estudos Neolatinos*, V.6, n.1, 2004, p.28.

<sup>53</sup> Idem, p. 29.

profunda. Em *Esau e Jacó* evidencia que o leitor deve estar atento as suas palavras, porque não gosta de ficar dando explicações muito detalhadas, pois acredita que isso acaba por enfadar-lo. No capítulo cinco intitulado *Há contradições explicáveis* diz que: “explicações comem tempo e papel, demoram a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com atenção”.<sup>54</sup> O autor é crítico a muitos aspectos de sua sociedade, se pronunciava a respeito das questões políticas e acreditava que era obrigação da literatura apresentar os dilemas de seu tempo. Porém seu posicionamento nem sempre é claro e objetivo, muitas vezes utiliza-se de sutileza para apresentar suas ideias. Muito de suas críticas são feitas de forma velada, através de pequenos detalhes, tipos de personagens, situações etc. Não necessariamente escritas em alguma frase no seu texto. O uso de metáforas é comum em sua obra, porque ela dissimula o verdadeiro significado e também porque cria uma comparação que possibilita ideias diferentes das habituais. Para uma profunda análise de sua visão do contexto político, através do que escreveu em suas obras é necessário estar claro esses tipos de recursos literários.

---

54 ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p. 23.

## 2. Segundo Capítulo.

### 2.1 A elite em Machado de Assis.

As elites nas obras estudadas aparecem constantemente e são o foco central de interesse do escritor. Os dois personagens principais do livro *Esau e Jacó* são Pedro e Paulo, filhos de Santos e Natividade. O pai das personagens era pobre, nascido em Maricá, porém vindo ao Rio de Janeiro teria revelado grande talento para ganhar dinheiro, sendo que ganhou muito depressa. Casou com Natividade, conseguiu conquistar casa nobre, carruagem, cavalos e relações novas e distintas.<sup>55</sup> Lembremos que Machado de Assis também foi pobre e conseguiu conquistar com muito esforço um lugar de destaque na sociedade. Em vários de seus livros sempre existe referência a personagens que desafiam a hierarquia social. Esse fato com certeza era muito marcante para ele.

Existe um caso no capítulo intitulado *A Missa do Coupé*<sup>56</sup>, em que o casal Santos e Natividade vão ao velório de um conhecido, João de Melo e Barros, que tinha sido escrivão. Tinha essa profissão porque Santos usou de sua influência social para arranjar esse emprego. Todavia era pessoa simples, com poucos recursos e seu velório não foi de forma diferente. Machado ao escrever esse capítulo vai desenhando como enxergava a questão da hierarquia social. Fala que o casal chegou em um *Coupé*, espécie de carruagem, com um lacão que lhes abriu as portas do veículo. Retrata esse carro de luxo, os cavalos de raça, as roupas vistosas. Apresenta também o lugar, no qual tinham apenas poucas pessoas, entre elas algumas crianças maltrapilhas. Machado conta que o casal pouco ficou no local, foi somente homenagear o falecido. Quando foram embora as pessoas do local falaram do assunto da presença ilustre por vários dias. Machado deixa claro que esses indivíduos da história ficaram orgulhosos de ter presenciado tanta riqueza tão perto deles. O autor, também, diz que Santos pensou que o luxo de sua presença com certeza homenageava o falecido. Nesse caso acredito que Machado apresenta como via o funcionamento da hierarquia social. As pessoas da elite sentiam-se privilegiadas e merecedoras de toda a admiração do restante da sociedade. As pessoas humildes viam na riqueza algo a ser admirado, algo que para elas parecia inatingível em uma hierarquia pouquíssimoflexível.

---

<sup>55</sup> Idem, p. 21

<sup>56</sup> Idem, ibidem.

Para Décio Saes em *Classe Média e Política na Primeira República Brasileira (1889- 1930)* houve após o término da etapa colonial de 1822 a construção de uma poderosa máquina burocrática para desempenhar um papel de integralização em uma sociedade tão vasta e um tanto quanto descentralizada, surgindo além da figura dos proprietários rurais e da grande massa escrava, indivíduos em posição intermediária, com empregos em uma burocracia civil ou no exército.<sup>57</sup>No período final do século XIX esses novos setores ganham maior dimensão quando o setor cafeeiro converte as cidades em seu apêndice, instalando atividades de apoio a importação e exportação, como por exemplo, as agências exportadoras, os comissários e também os bancos.<sup>58</sup>O banco que era o ambiente no qual Santos trabalhava na história de *Esau e Jacó*. Em geral os indivíduos que ocupavam esses novos setores eram antigos pequenos produtores rurais empobrecidos e expelidos para a cidade, que tinham relações de parentesco ou de amizade com as elites rurais.<sup>59</sup>Todavia apesar de em geral os principais cargos ficarem para grupos decadentes, outras funções também foram criadas, abrindo perspectivas de mobilidade social, que apesar de pequenas, eram muito maiores do que a pirâmide social permitia nas regiões rurais cafeeiras.<sup>60</sup>Essa possibilidade poderia ajudar a explicar a ascensão social do personagem Santos.

Esses grupos intermediários em geral se pautavam pela obediência a valores tradicionais, supervalorização do seu status social, respeito e afeição pelos grupos aristocráticos. Entretanto os grupos que não mantinham laços íntimos com a elite agrária conseguiram se comportar com maior liberdade. Dessa forma, as camadas médias urbanas tinham uma heterogeneidade. Essas diferenças evidenciavam ainda mais, pois haviam profissões diferentes, o que criava graus variados de prestígio, além de distintos níveis de renda e consumo. As classes mais favorecidas tinham um padrão de vida comum à aristocracia agrária, sendo grandes consumidores e importadores de produtos de luxo. Devido à sua situação confortável na sociedade eram um importante grupo de apoio as elites agrárias escravocratas.<sup>61</sup>Mas ao mesmo tempo que era um grupo que ajudava a perpetuar o regime escravocrata, tentava se afastar dele recriando um ambiente urbano a moda européia, utilizando-se de objetos refinados e formas de comportamento cerimonial para criar um ambiente artificial totalmente desligado daquela realidade.<sup>62</sup>Essa parece ser a realidade que

---

<sup>57</sup> SAES, Décio. *Classe Média...* Op.cit,p.32.

<sup>58</sup> Idem, p. 33.

<sup>59</sup> Idem, p. 34.

<sup>60</sup> Idem, p. 35.

<sup>61</sup> Idem, p. 40.

<sup>62</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as batatas*. Forma Literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades, 1988, pp. 23.



Machado de Assis quer retratar quando escreve a respeito do luxo e ostentação da Família Santos. Uma família que ocupa uma posição de prestígio na ficção passada na cidade do Rio de Janeiro. Machado, com é de seu feitio, não evidencia que a família representa uma elite urbana ligada diretamente à aristocracia rural, mas é uma interpretação lógica se concordarmos com José Emílio Major Neto, quando relata que Machado tenha entendido tão intensamente as regras de convivência social que regiam a vida brasileira e que derivavam de um passado colonial e escravocrata, tão dependentes de trocas de favor e vinculações diretas com a elite dominante.<sup>63</sup> Major relata que marcada pela exploração da mão de obra escrava a sociedade brasileira era formada por proprietários a que se aglutinavam os homens livres não proprietários, que submetiam-se às vontades da classe dominante.<sup>64</sup>

Outro exemplo que pode se relacionar com o que foi dito por Major está no fato que já foi dito anteriormente, que Santos arranhou o emprego de escrivão para João de Melo e Barros por causa de sua influência social. Uma política de favor vai sendo apresentada por Machado em algumas situações do livro *Esau e Jacó*. O escritor parece ter ciência que essa prática era comum entre os membros da elite imperial. Outro personagem que merece destaque em se tratando dessa política de favor é Batista, pai de Flora, a donzela que faz com os protagonistas do livro um triângulo amoroso. Desde quando Batista é apresentado, a situação de política de favor já fica evidente. O personagem era advogado e ex-presidente de província e membro do partido conservador. Teria perdido seu cargo político por motivos que não ficam claros na história, mas Machado deixe entender que talvez tenha sido alguma falcatrua que desagradou antigos aliados políticos. Batista dizia que mesmo tendo amigos entre os deputados conservadores no Império tinha perdido seu cargo político. Diz ele que tinha feito muito para agradar seus “amigos” no governo:

[...] - Não sei o que é que ele queria que eu fizesse mais, diz Batista falando do ministro. Cerquei igrejas; nenhum amigo pediu polícia que eu não mandasse; processei talvez umas vinte pessoas. Outras foram para a cadeia sem processo. Havia de enforcar gente? Ainda assim houve duas mortes no Ribeirão das Moças.

O final era excessivo, porque as mortes não foram obra dele; quando muito ele mandou abafar o inquérito [...]

A política do favor na representação de Machado de Assis estava inclusive presente no governo. O personagem confessa que prestava favores para algumas pessoas influentes

<sup>63</sup> MAJOR, José Emílio Neto. “Perdoai-vos uns aos Outros” ou o Brasil de Machado de Assis. AMARAL, Sonia Guarita do. *O Brasil como Império*. São Paulo: Companhia editora nacional, 2009, pp, 248.

<sup>64</sup> Idem, *ibidem*.

na política. Chegou a mandar prender pessoas sem processo prévio, ajudando a ocultar até mesmo casos de assassinato.<sup>65</sup>

Para Décio Saes, desde o processo de surgimento de uma classe intermediária que servia de apoio às oligarquias agrárias a política do favor se estabeleceu. Os fazendeiros usando de sua influênciacolocavam nas principais funções burocráticas indivíduos que tinham laços afetivos e parentais com eles, em troca esse novo grupo acabou servindo de “massa de manobra” para políticas oligárquicas do Segundo Reinado à Primeira República.<sup>66</sup> Em outro trabalho Décio Saes observa que os próprios contemporâneos do Segundo Reinado já conseguem visualizar essa política de favor. Diz que além dos cargos públicos, as profissões chamadas independentes como advocacia, engenharia e medicina dependem da relação de favor com as elites escravocratas. Saes chega a dizer que não existia um mercado impessoal, que os cargos dos indivíduos dependem diretamente da classe dominante. Enquanto os funcionários do Estado precisam do favor para conquistar e manter seus postos de trabalho, funcionários liberais precisam do favor para poder exercer suas profissões. Isso seria explicado por um caráter pré-burguês do aparelho do Estado, no qual as classes dominantes tinham profunda influência na escolha dos indivíduos para os cargos e também por causa de uma pequena extensão de rede comercial, propiciada por uma economia baseada na agricultura escravista.<sup>67</sup> Para Costa havia um compromisso tácito entre os homens que freqüentavam salões e os cafés, que vestiam-se a moda européia e citavam autores estrangeiros com os líderes do Brasil sertanejo que permaneciam na fazenda. O bacharel tinha que se conciliar ao patriarca rural, caso contrário tinha sua atuação limitada por lhe faltarem bases sociais as suas reivindicações.<sup>68</sup>

Para Roberto Schwarz, a sociedade brasileira por manter suas base na agricultura escravocrata, criou três tipos de indivíduos: os latifundiários, os escravos e os homens livres. Esses últimos podiam ser desde agregados até grupos de maior influência, em ambos os casos viviam um regime do favor. O favor determinava as mais variadas atividades de administração, comércio, indústria e vida urbana. Para Schwarz o favor era algo tão pertinente a sociedade brasileira e não era de se estranhar que escritores como Machado de Assis utilizassem essa situação ao tentar interpretar o Brasil em suas obras.<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> ASSIS, Machado de. *Esaiú...* Op.cit, 57.

<sup>66</sup> SAES, Décio. *Classe Média...* Op. cit, 34.

<sup>67</sup> SAES, Décio. *A Formação...* Op.cit,p. 280 a 281.

<sup>68</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia...* Op.cit,p. 204.

<sup>69</sup> SCHWARZ, Roberto. *A Formação...* Op.cit,p. 16.

Analisando esses autores percebe-se a importância dessa política de favor para compreender a sociedade brasileira. Compreendendo como as elites agrárias se relacionavam com seus grupos de apoio no ambiente urbano. Machado de Assis em *Esauí e Jacó* não enfatiza a classe dominante rural, porém a elite retratada em sua história vivencia as trocas de favor, a supervalorização da hierarquia social. Aspectos que marcam o ambiente urbano parceiro da classe dominante agrária. Machado como diz Schwarz tinha consciência desses meandros sociais e políticos, e trabalha essas situações em sua história, apesar de não ser explícito, vai construindo um mundo social que é regido por essas situações.

Nas crônicas *Bons Dias* a figura de um fazendeiro membro da elite dominante aparece com destaque. Na crônica de 19 de maio de 1888. Machado coloca como narrador um fazendeiro que diz ter alforriado um dos seus escravos muito antes da lei de 13 de maio que estabelecia a abolição:

[...] levantei-me eu com a taça da Champanha e declarei que, acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem Pecado[...] O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo[...].<sup>70</sup>

Machado deixa claro que o fazendeiro sabendo da inevitabilidade da abolição, conta ter libertado um dos seus escravos, planejando com isso ganhar votos dos que concordavam com as leis abolicionistas. Neste trecho o autor defende que alguns homens não estavam se importando tanto com as mudanças políticas, se mesmo com elas não fossem afetados. Isso porque para alguns sujeitos a abolição era o início da queda da Monarquia, mesmo antes da Lei Áurea já havia quem declarasse esse pensamento, pois se acreditava que o apoio dos fazendeiros ao Império teria fim com a Abolição, pois eram eminentemente escravocratas. As elites da obra de Machado de Assis representam o desejo de se manter no poder. Os monarquistas queriam perpetuar a situação em que viviam e os republicanos, queriam maior participação nas discussões políticas do país. O fazendeiro do trecho somente decide libertar seu escravo por ver que o processo abolicionista seria difícil de ser contido. Porém o que pretendia era impressionar grupos abolicionistas e com isso ganhar apoio para o cargo de deputado.

---

<sup>70</sup> ASSIS, Machado de Assis. *Bons Dias...* Op.cit, p. 62.

Décio Saes relata que a elite rural não tinha interesse e não foi uma defensora da abolição, entre esse grupo prevalecia a ideia que o escravo era uma riqueza e que a abolição da escravatura acarretaria o empobrecimento do setor da população que era responsável pela criação de riqueza no país.<sup>71</sup> Mesmo os fazendeiros não-escravocratas e membros de uma elite urbana, não defendiam o processo abolicionista. Os fazendeiros não-escravistas por contarem com agregados e indivíduos em um regime de semi-servidão, preferiam o regime escravista que tinha como princípio um tratamento desigual aos desiguais, do que um modelo burguês que defendia um tratamento igual em direitos para todos.<sup>72</sup> As elites urbanas mercantis não tinham interesse na abolição por que, segundo Saes, não existe desenvolvimento de um comércio sem a instituição do crédito. Ademais, o escravo era a base do crédito financeiro, que os fazendeiros em geral utilizavam. Dessa forma, não era interessante para a elite mercantil perder o caução do crédito oferecido pelos fazendeiros.<sup>73</sup> O interesse do fazendeiro representado na crônica de Machado de Assis de abrir mão de um dos seus escravos pode ser explicado pelo fato de que o ex-escravo continuou na fazenda como agregado, recebendo um ordenado extremamente baixo, todavia continuou a receber castigos físicos. A situação de controle não se alterou de imediato, o ex-escravo continuou em uma condição servil ao fazendeiro.

As elites tanto em *Esau e Jacó*, como em *Bons Dias*, são representadas a partir de uma crítica intensa. O interesse desse grupo em geral eram manter perpetuada sua situação confortável de poder social. Se esses grupos vão aos poucos aceitando a inevitabilidade do processo abolicionista, pressionados por uma classe média que não tem espaço político, só os fazem negociando possíveis indenizações, para que não saiam com prejuízos da situação. Suas visões do Império e da República, também se relacionam com seus interesses de grupo. A família Santos em *Esau e Jacó*<sup>74</sup> a princípio não vê com bons olhos as ideias republicanas de seu filho Paulo, por estarem assentados em uma sociedade que valorizava a hierarquia social. A sua situação privilegiada não os deixa sentir a necessidade de mudanças políticas. Todavia parecem bem adaptados quando as mudanças políticas se desenvolvem, tanto que os filhos do casal são eleitos deputados, quando o regime republicano já vigorava.<sup>75</sup> Em *Bons dias*, um interesse da elite no fim do Império é visível, se trata da ideia das elites rurais em ganhar mais liberdade regional, a formação de um federalismo, em que os estados tivessem

---

<sup>71</sup> SAES, Décio. *A Formação...* Op.cit, p.193.

<sup>72</sup> Idem, p. 208.

<sup>73</sup> Idem, p. 214.

<sup>74</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p. 54.

<sup>75</sup> Idem, p. 182.

mais independência.<sup>76</sup>O descontentamento era em relação ao poder centralizador do Império, que alguns vezes não atendia a vontade de algumas classes dominantes rurais. Como atesta Costa, o Imperador era apontado com um tirano que cerceava as liberdades.As elites rurais viam em seu poder moderador um empecilho para um maior poder político.<sup>77</sup>A república aparecia com um meio de conseguir maior liberdade e menor interferência do governo. Machado descreve uma elite social que quando pensa em mudanças políticas têm como foco interesse de grupo. Todavia os grupos que até o final estiveram apoiando a monarquia parecem ter facilidade em se adaptar a nova realidade política.

## 2.2. Os excluídos em Machado de Assis.

Machado de Assis privilegia em suas obras um detalhado interesse nas elites do país. Isso porque acreditava que era nesse extrato social que se operavam as mais profundas mudanças, e que em geral os que não faziam parte da elite, os pobres, os escravos eram excluídos das principais questões da sociedade. Na crônica de 19 de Abril de 1888 de *Bons Dias*<sup>78</sup> ele demonstra que existem diferenças dependendo da posição social do indivíduo, lembrando um discurso político a respeito da abolição:

[...] Sr. Luís Fernandes Vilela, declarando ser tudo aquilo uma discussão vazia de sentido, porque já não existem escravos (...) recebi daí a pouco uma mensagem assinada por cerca de 600.000 pessoas (ainda não pude acabar a contagem dos nomes), pedindo-me que retifique o discurso do Sr. Fernandes Vilela. Há Escravos, eles próprios o são. Estão prontos a jurá-lo e concluem com esta filosofia, que não parece de preto: “As palavras do Sr. Fernandes Vilela podem ser entendidas de dois modos, conforme o ouvinte ou o leitor trouxer uma enxada às costas, ou um guarda-chuva debaixo do braço. Vendo as coisas, de guarda-chuva, fica-se com uma impressão; de enxada, a impressão é diferente.”

O discurso do Sr. Vilela, um nobre português, tão perto da abolição da escravatura segundo Machado podia ser interpretado de formas diferentes dependendo do lugar social do ouvinte. Os indivíduos que tinham retificado o discurso eram eles próprios uma espécie de “escravos”, porque tinham obrigação, devido à influência de Vilela de apoiá-lo, em um regime de troca de favor. Além disso, Machado observa que se o indivíduo estiver com um guarda-chuva debaixo do braço iria ter uma impressão diferente do discurso. De forma metafórica queria representar as elites que sempre estão bem postas e preparadas para as

<sup>76</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias...*Op.cit, p.90.

<sup>77</sup>COSTA, Emília Viottida.*Da Monarquia...*Op.cit, p.247 e 248.

<sup>78</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias...*Op.cit, p. 47 a 48.

diferentes situações. Diz também que se o indivíduo estiver com uma enxada na mão, sua impressão iria ser outra. Isso porque o discurso era voltado para os membros da elite, ninguém realmente pensava como era a questão da escravidão vista de outro ângulo. O discurso de não existir mais escravos segundo John Gledson era comum naquele tempo, explica em uma de suas notas muito esclarecedoras. Diz que escravocratas enfatizavam que, com a Lei do Ventre Livre e a lei dos sexagenários, a liberdade futura dos escravos estava assegurada.<sup>79</sup> Décio Saes lembra que as leis que limitavam cada vez mais a escravidão brasileira eram de início rejeitadas pelos grandes fazendeiros, porém quando estavam em vigor serviam para um discurso que tentava frear o processo abolicionista.<sup>80</sup> Na visão da elite a liberdade futura do escravo estava assegurada, todavia se analisarmos o que na prática essas medidas significavam para os escravos, se percebe que em alguns aspectos elas continuam sendo prejudiciais para esse grupo oprimido, e benéficas a grupos interessados em perpetuar ao máximo a escravidão. A Lei do Ventre Livre dava como opção ao proprietário, utilizar do trabalho do beneficiado da lei até os 21 anos e a Lei dos Sexagenários, libertava somente indivíduos com idade avançada que não serviam mais ao interesse de força de trabalho e tirava a obrigação dos seus antigos donos para com eles.<sup>81</sup> A frase que fala das diferentes visões entre os que estão de guarda-chuva e os que estão de enxada pode ser encarada como uma metáfora muito significativa dessa situação. Se fosse vista pelos olhos dos escravos essas leis não representariam as mesmas liberdades como vistas pelos membros da elite.

Os indivíduos que não fazem parte da elite são representados geralmente como serviçais em ambas as obras analisadas, que estão sempre prontos a realizar as vontades de seus padrões. Um dos poucos momentos que essa situação não é perpetuada por Machado é quando na crônica de *Bons dias* de 10 de novembro de 1888<sup>82</sup>, fala de um movimento de indivíduos humildes que queriam ter sua reivindicação atendida. Machado compara a situação com a abolição da escravatura, dizendo que todas as liberdades são irmãs. O movimento ao qual o escritor se refere era formado por caixeiros indignados com sua intensa carga de trabalho. Eles exigiam que as portas dos comércios fechassem aos domingos e dias santos. Aqui é um dos poucos casos em que Machado apresenta um grupo de origem humilde se impondo contra os padrões e grupos dominantes. Em geral Machado retrata esses grupos como excluídos das discussões sociais e políticas. Outro momento em que também a

---

<sup>79</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>80</sup> SAES, Décio. *A Formação...* Op.cit, p. 199.

<sup>81</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>82</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...* Op. cit, p. 132.

população humilde organiza-se é quandoo personagem Conselheiro Aires de *Esau e Jacó* observa um homem sendo preso sob acusaçãode ter furtado uma carteira. O povo que observa a cena, ouvindo os gritos de inocente pronunciados pelo suspeito e se insurge contra autoridades, protestando contra a prisão. Aires pensativo chega a algumas conclusões:

[...] Ao cabo havia um fundo de justiça naquela manifestação dupla e contraditória; foi o que ele pensou. Depois, imaginou que o grito da multidão protestante era filha de um velho instinto de resistência à autoridade. Advertiu que o homem, uma vez criado, desobedeceu logo ao Criador, que aliás lhe dera um paraíso para viver; mas não há paraíso que valha o gosto da oposição. Que o homem se acostume às leis, vá; que incline o colo à força e ao bel-prazer, vá também; é o que se dá com a planta, quando sopra o vento. Mas que abençoe a força e cumpra as leis sempre, sempre, sempre, é violar a liberdade primitiva, a liberdade do velho Adão. Ia assim cogitando o conselheiro Aires(...)Ia a descer pela Rua Sete de Setembro, quando a lembrança da vozeria trouxe a de outra, maior e mais remota [...]<sup>83</sup>

A partir de mais um recurso metafórico, Machado talvez quisesse dizer que o povo conseguia se manifestar mesmo vivendo em uma sociedade que tentava excluí-lo de qualquer discussão das questões sociais e políticas. Tanto o caso dos caixeiros como o caso da multidão enfurecida contra as praças de polícia, representam o povo se rebelando contra os indivíduos e as instituições que o oprimiam. Ao final da fala Aires relaciona a multidão enfurecida de outra vozeria maior e mais remota. Essa situação pode ser relacionada com a crônica de 11 de maio de 1888 de *Bons Dias*, na qual na eminência da abolição o povo contempla as bandas e procissões na rua batendo palmas e fazendo verdadeiro alvoroço, mas sem com isso ter um verdadeiro entendimento dos fatos e nem ao menos uma opinião.<sup>84</sup> Acreditamos ser possível também fazer uma comparação ao momento de transição da Monarquia para a República, em que o povo via a mudança de regimesem compreender suas possíveis explicações e motivos. Como afirma Carvalho, o sentimento de surpresa era unânime, produzido pelo estabelecimento da forma republicana, conta que havia a impressão na época que muitas pessoas não sabiam que tinha ocorrido uma revolução.<sup>85</sup> Machado retrata as populações humildes como sujeitos excluídos das questões centrais do país, mas isso não significa que não tivessem força de se impor na arena social e política quando viam uma questão em que se sentissem intensamente oprimidos.

<sup>83</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p.73.

<sup>84</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...* Op.cit, p. 53.

<sup>85</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação...* Op.cit, p. 51.

No capítulo *Manhã de 15*<sup>86</sup> em *Esau e Jacó*, existe uma conversa entre um cocheiro que havia escutado alguns boatos a respeito do golpe pela República que tinha acontecido entre a véspera e o dia de 15 de novembro de 1889:

[...]O cocheiro contou que ouvira tudo a um homem que trouxera da Rua dos Inválidos e levava ao Largo da Glória, por sinal que estava assombrado, não podia falar, pedia-lhe que corresse, que lhe pagaria o dobro; e pagou.  
— Talvez fosse algum implicado no barulho, sugeriu Aires.

— Também pode ser, porque ele levava o chapéu derrubado, e a princípio pensei que tinha sangue nos dedos, mas reparei e vi que era barro; com certeza, vinha de descer algum muro. Mas, pensando bem, creio que era sangue; barro não tem aquela cor. A verdade é que ele pagou o dobro da viagem, e com razão, porque a cidade não está segura, e a gente corre grande risco levando pessoas de um lado para outro [...]

Machado talvez queira dizer que com a situação ocorrida no dia 15 de novembro de 1889, a situação não era clara para as pessoas humildes, excluídas das decisões políticas, como o cocheiro. Ele não sabia distinguir se o indivíduo ao qual deu carona tinha sangue ou barro nas mãos. Isso demonstra as incertezas que a situação transmitia. Não havia clareza na contenda. Toda a questão era muito distante para o povo humilde, representado pelo cocheiro e mesmo para parte da elite representada pelo Conselheiro Aires.

No capítulo *Tabuleta Nova*<sup>87</sup> em *Esau e Jacó* um dono de uma confeitaria tinha mandado pintar uma placa nova para seu estabelecimento. O pintor terminou o serviço exatamente no dia do início da República e na placa estava escrito Confeitaria do Império. É interessante a preocupação desse indivíduo, que não se aflige em saber que houve enorme mudança no governo, mas se preocupa na verdade em resolver a situação da placa, pois tem medo da reação das pessoas caso mantenha o nome atual, ou ainda caso mude para Confeitaria de República, fica com medo que a situação se inverta e a Monarquia seja reestabelecida. No retrato de Machado de Assis a transição política contou com muita indiferença e desconhecimento da maior parte das pessoas. Como se esses indivíduos fossem excluídos das questões vitais de sua sociedade. Após o momento de transição política representado em *Esau e Jacó*, o foco de atenção continua a ser os membros da elite. Os indivíduos que tinham pequena participação na história e aos quais chamamos de excluídos, não ganham mais espaço na história, como se a República ao invés de colocá-los na arena política, conseguisse excluí-los ainda mais do que no Segundo Reinado. O que pode ser

<sup>86</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...OP*. Cit. p. 108.

<sup>87</sup> Idem, p. 111.



explicado pelo fato de Machado sempre aparentar ver com muita desconfiança as motivações para a transição da República.

### 2.3 Tradição e Progresso.

Em *Esau e Jacó*, Pedro e Paulo, eram respectivamente monarquista e republicano. A personalidade deles se ajusta a uma visão mais convencional dos regimes. Pedro é apresentado como dissimulado e Paulo é apresentado como agressivo.<sup>88</sup> O que tem referência direta a uma visão do Império que vê com maior sutileza e sofisticação e a República em termos da maior brutalidade de seus métodos. Não é a toa que Machado de Assis apresenta os dois meninos ricos como defensores cada um de um regime político, pois grande parte da elite conseguiu manter-se nas arenas políticas na Monarquia e na República. Para Décio Saes a causa republicana contou com o apoio de grupos da elite que pretendiam com isso ganhar mais espaço político. Eram fazendeiros que estavam utilizando ideias progressistas, acreditavam que sua autonomia estava abalada pelo poder imperial, altamente centralizador.<sup>89</sup> Porém grupos que não podem ser esquecidos na luta republicana são as classes médias, pois elas conseguiram dar nova agitação aos ideais republicanos, não estavam interessadas na descentralização política pretendida pela elite rural. O que almejavam era uma maior participação política e também a imperatividade da não vitaliciedade das funções burocráticas.<sup>90</sup> Em outras palavras o que pretendiam era se desvincular das políticas de favor, que apesar de várias vezes os beneficiar, podia também dificultar sua participação política. Acreditavam que eram umas das camadas mais austeras da hierarquia social, mas se sentiam presos às camadas dominantes rurais e ao Império, que enxergavam como representante máximo desse grupo. As classes médias não conseguiram a representatividade esperada. Os militares conseguiram ficar no poder por um curto período de tempo, porém o poder político das elites rurais fez com que esse grupo conseguisse impor-se no governo. Souberam utilizar a República para proveito próprio, ao intensificar assim as oligarquias já existentes.<sup>91</sup> Dessa forma, as elites rurais e seus grupos de apoio conseguiram influenciar a política tanto no Segundo Império como na República. Em *Esau e Jacó* a família Santos manteve seu lugar privilegiado na sociedade com a República. A busca

---

<sup>88</sup> Idem, p.42.

<sup>89</sup> SAES, Décio. *A Formação...* Op.cit, p. 246.

<sup>90</sup> SAES, Décio. *Classe Média...* Op.cit, p.58.

<sup>91</sup> Idem, ibidem.

pela mudança política teve como um dos objetivos claros a manutenção de uma elite no poder.

Os gêmeos Pedro e Paulo, apesar de diferentes em discurso, algumas vezes ficavam muito próximos nas atitudes. Como por exemplo, no caso do capítulo XVIII<sup>92</sup>:

[...] Paulo era mais agressivo, Pedro mais dissimulado, e, como ambos acabavam por comer a fruta das árvores, era um moleque que a ia buscar acima, fosse a cascudo de um ou com promessa do outro. A Promessa não se cumpria nunca; o cascudo, por ser antecipado, cumpria-se sempre, e às vezes com repetição depois do serviço. Não digo com isto que um e outro dos gêmeos não soubessem agredir e dissimular; a diferença é que cada um sabia melhor a seu gosto, coisa tão óbvia que custa escrever[...]

Para Machado de Assis tanto os monarquistas como os republicanos representavam interesses da elite. Dessa forma, os que não faziam parte desses grupos sofriam com suas práticas nada amistosas, tendo que atender suas vontades. Quando os rapazes já estavam crescidos, cada um dedica-se a um estudo específico. Pedro fica no Rio estudando Medicina, que se ajusta a uma visão mais monarquista, por ser mais sanativa e unificadora. Enquanto Paulo vai estudar Direito em São Paulo, que tem talvez referência à República, por ser contestadora e interessada na letra da lei como o direito. A cidade de São Paulo talvez tenha sido escolhida por representar os seus fazendeiros republicanos, um grupo que tinha interesse no federalismo.<sup>93</sup> Para os irmãos, política estava diretamente ligada ao poder, eles viam em suas escolhas políticas a possibilidade de um futuro glorioso. Em um capítulo intitulado *Discórdia não é tão feia como se pinta*, Pedro sonha com o futuro glorioso que viria com o Império e para Paulo viria através de uma “Veneza republicana”, no qual talvez tivesse papel de liderança. Nos dois casos relacionavam seus ideais políticos com seus futuros gloriosos.<sup>94</sup> Acreditamos que com o título Machado sugira que os dois buscam a mesma coisa, que é o poder político. A única diferença é que buscam a partir de ideologias políticas diferentes. John Gledson ao também analisar esse trecho, chama atenção no fato de Machado usar a República Veneziana, por ter sido essa eminentemente oligárquica e de forma alguma democrática.<sup>95</sup> Machado nunca chega a se posicionar claramente a respeito da transição política, mas muitas vezes deixa transparecer que vê com muita desconfiança o Regime Republicano, porque sabe que atrás de discursos democráticos, havia interesses de

<sup>92</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p. 42.

<sup>93</sup> GLEDSON, John. *Machado...* Op.cit, p.173.

<sup>94</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p. 67.

<sup>95</sup> GLEDSON, John. *Machado...* Op.cit, p. 172.

grupo que pensavam somente em suas causas próprias, não nos interesses da nação com um todo.

Existe um outromomento interessante em relação aos dois personagens principais, que ocorre no capítulo XX, intitulado *A jóia*<sup>96</sup>, em que no aniversário da mãe dos rapazes, Natividade esperava pelo seu presente. Como a princípio parecia que todos tinham esquecido seu aniversário, pensou que não havia de receber nada. Todavia quando chegou ao lado do marido na sala e leu um trecho do jornal que ele estava segurando explodiu em felicidade. No jornal havia a notícia que seu marido Sr. Agostinho José dos Santos tinha sido agraciado com o título de Barão de Santos. Com isso, Santos disse aos filhos:

[...] - Venham beijar a mão da Senhora Baronesa de Santos. Não entenderam logo. Natividade não sabia que fizesse; dava a mão aos filhos, ao marido, e tornava ao jornal para ler e reler que do despacho imperial da véspera o Sr. Agostinho José dos Santos fora agraciado com o título de Barão de Santos. Compreendeu tudo. O presente do dia era aquele; o ourives desta vez foi o imperador.[...]

Natividade recebeu a notícia do título de nobreza como tivesse recebido uma jóia. Isso pode ser interpretado com uma demonstração do valor que a elite dava aos títulos, pois assim ela poderia se destacar e se legitimar perante os outros membros de seu grupo de relacionamento. Mas isso não influenciava somente a família, os seus escravos pareciam receber uma parcela de liberdade, pretendendo contar às outras pessoas que eram escravos de Nhã Baronesa. Aspecto importante é a recepção dos gêmeos à notícia, concluíam ter recebido com ele um mérito especial. E mesmo quando no futuro Paulo adotou a opinião republicana com toda sua convicção, nunca envolveu aquela distinção de sua família a condenação das instituições.<sup>97</sup> Talvez o que Machado queria dizer é que os republicanos não tinham esse posicionamento somente por um amor ideológico, mas principalmente por interesse de grupo e interesses individuais. Paulo mostra que apesar de criticar as instituições monarquistas, valorizava um título eminentemente do período imperial, quando esse era positivo para ele, o que evidencia que seu republicanismo não era tão inflexível, como quer demonstrar em alguns momentos.

E na crônica de 11 de maio de 1888 de *Bons Dias*<sup>98</sup>, Machado relaciona, através do recurso dialógico, a Abolição aos rumores de República:

- E o senhor; o senhor é que perdeu o pouco juízo que tinha. Aposto que não vê que anda alguma coisa no ar.

<sup>96</sup> ASSIS, Machado de. *Esau*...OP. Cit. 46.

<sup>97</sup> Idem, p. 48

<sup>98</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias*...Op.cit.p. 55 a 59.

-Vejo; creio que é um papagaio.

-Não, senhor; é uma república. Querem ver que também não acredita que esta mudança é indispensável?

- Homem (...) o melhor chapéu é o que vai bem à cabeça. Esta, por ora, não vai mal(...)

- Vai pessimamente. Está saindo dos eixos; é preciso que isso seja, senão com a monarquia, ao menos com a república(...)Você sabe alemão? —

Não. — Não sabe alemão?

E dizendo-lhe eu outra vez que não sabia, ele imitando o médico de Molière, dispara-me na cara esta algaravia do diabo:

— *Esdürfteleichtzuerweisensein, dassBrasilienwenigereinekonstitutionelleMonarchieals seine absolute Oligarchieist[...]*<sup>99</sup>

A crônica de 11 de maio de 1888 começa falando a respeito da abolição e de possíveis pagamentos de indenização aos fazendeiros escravocratas. Relaciona as discussões a respeito da abolição com os rumores da República. Neste trecho o autor novamente defende que alguns homens não estavam se importando tanto com as mudanças políticas, se mesmo com elas não fossem afetados. Isso porque para alguns sujeitos a abolição era o início da queda da Monarquia, mesmo antes da Lei Áurea já havia quem declarava esse pensamento, pois se acreditava que o apoio dos fazendeiros ao Império teria fim com a Abolição, pois eram eminentemente escravocratas. A frase em alemão significa: “Seria fácil provar que o Brasil é menos uma monarquia constitucional, do que uma oligarquia absoluta”. Essa crônica de Machado pode ser relacionada com a ideia que não seria difícil mudar o regime político tradicional e não encontrariam dificuldades para instalar um regime político progressista, se fosse para perpetuar a oligarquia tradicional existente. Para Costa, a abolição veio dar um golpe de morte em uma estrutura colonial de produção, que vinha se mantendo com dificuldades comparada ao setor mais dinâmico rural, que já se utilizava de mão de obra assalariada e tinham recursos mais modernos em suas fazendas. A classe ligada a modelos tradicionais de produção, que era um dos alicerces da Monarquia, se viu abalada pela abolição da República, dessa forma deixou de apoiar o Império, ao passo que as classes mais dinâmicas rurais ligadas a ideia de federalismo e conseqüentemente da República, tiveram

<sup>99</sup> A frase em alemão significa; “Seria fácil provar que o Brasil é menos uma monarquia constitucional, do que uma oligarquia absoluta”.

maior espaço para agirem em seus ideais oligárquicos.<sup>100</sup> Com a abolição dizer que o Brasil era antes uma oligarquia do que monarquia, ganha ainda mais sentido por abalar os alicerces do regime político.

No crônica de 22 de agosto de 1889 de *Bons dias*<sup>101</sup>, o narrador imagina ser um político que carregasse os princípios liberais, conservadores e republicanos:

[...] diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. Vede uma floresta! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade! que ordem segura! A natureza, liberal e pródiga na produção, é conservadora por excelência na harmonia em que aquela vertigem de troncos, folhas e cipós, em que aquela passarada estrídula, se unem para formar a floresta. Que exemplo às sociedades! Que lição aos partidos!

O mais difícil parece que era a união dos princípios monárquicos e dos princípios republicanos; puro engano. Eu diria: 1º, que jamais consentiria que nenhuma das duas formas de governo se sacrificasse por mim; eu é que era por ambas; 2º, que considerava tão necessária uma como outra, não dependendo tudo senão dos termos; assim podíamos ter na monarquia a república coroada, enquanto que a república podia ser a liberdade no trono, etc., etc.[...]

Conta que com o discurso, diziam alguns que ele era conservador e outros que ele era liberal. Teria guardado em um jornal uma discussão a respeito, mas perdera o documento em uma mudança de casa. Conclui dessa forma que:

[...] Oh! não mudeis de casa! Mudai de roupa, mudai de fortuna, de amigos, de opinião, de criados, mudai de tudo, mas não mudeis de casa! [...]

Acreditamos que Machado quis aproximar o político conservador do liberal em sua crônica para demonstrar que mais do que fiéis aos seus partidos, eles tinham interesse em se manterem atuantes na política, e usufruírem com isso todo o prestígio e o lugar na hierarquia social que isso os possibilitava. O trecho sobre a mudança de casa é muito revelador, pois a partir de mais uma metáfora, Machado usa a casa para simbolizar o essencial para o indivíduo, e os outros aspectos: amigos, opinião, criados, representam coisas superficiais. Para Machado um político da época podia abrir mão de tudo e mudar radicalmente de ideia, se mantivesse o essencial preservado, que era a participação na arena política e os consequentes benefícios que isso lhe gerava.

No capítulo *Manhã de 15 de Esau e Jacó*<sup>102</sup>, o Conselheiro Aires ouvindo de

<sup>100</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia...* Op.cit, p.297.

<sup>101</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...* Op.cit, p. 209 a 210.

<sup>102</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p. 108.

seu cocheiro os boatos que alguns ministro tinham sido mortos, responde que só acreditava que alguns estavam feridos dizendo então a frase: ‘- A morte é um fenômeno igual à vida; talvez os mortos vivam [...]’’. Nesse caso, talvez em mais uma de suas metáforas, o autor queria dizer que os ministros e os outros membros da elite que perderam espaço com a Proclamação da República, talvez voltassem as suas posições no governo quando a situação se acalmasse. Antigos aliados da monarquia puderam voltar a ter participação política quando a República instalou-se por completo. Esse caso acontece com Batista por perder espaço no partido conservador, sua mulher o influencia a procurar aliar-se aos liberais, dizendo que ele nunca foi um conservador somente estava com ele em um “baile”, no qual não é preciso ter as mesmas ideias para dançar a mesma quadrilha.<sup>103</sup> Batista apesar de ter um pouco de receio na mudança de ares aceitou a opinião da mulher e depois do advento da República foi pessoalmente ao Marechal Deodoro colocar-se a disposição para servi-lo.<sup>104</sup> O principal interesse desse personagem era continuar atuante da política, e mesmo se considerando um conservador representante da Monarquia acabou por aceitar a República, pelo interesse pessoal.

Outras situações que colocam a questão tradição *versus* progresso são quando mesmo com as profundas mudanças instituídas pelo advento da república, se repetem os bailes da elite, no capítulo *Terpsícore de Esaú e Jacó*<sup>105</sup> antes da república e no capítulo *De uma conclusão errada*<sup>106</sup>. Apesar das grandes diferenças das ideias monarquistas e das republicanas, com a transição as elites continuaram mantendo as mesmas práticas, como se a transição não afetasse suas posições sociais.

Na crônica de 06 de fevereiro de 1889<sup>107</sup> em *Bons Dias*. Machado fala a respeito de inevitabilidade do fim da monarquia, usando um xarope que veio a decadência, como metáfora:

[...] Chegou ao apogeu. Como todos os impérios e república deste mundo principiou a decair; era menos buscado, menos nomeado. O rei dos xaropes desceu ao ponto de ser o lacaio dos xaropes e lacaio mal pago; as belas curas, suas nobres aliadas, quando o viram no tão baixo estado, foram levar os seus encantos a outros príncipes. Ele ainda resistiu; reproduzia nos jornais a árvore e a moça, e repetia todos os

<sup>103</sup> Idem, p. 82.

<sup>104</sup> Idem, p.134.

<sup>105</sup> Idem, p. 84.

<sup>106</sup> Idem, p.122.

<sup>107</sup> ASSIS, Machado de Assis. *Bons Dias...* Op. Cit.p. 161.

seus méritos, aqui e fora daqui; mas a queda ia continuando. Pessoas que lhe deviam a vida, não sei por que singular ingratidão, preferiam agora o arsênico, os calomelanos e outras drogas de préstimo limitado. O xarope foi caindo, caindo, caindo até morrer [...]

Nessa crônica existe uma referência as ideias republicanas que circulavam pela sociedade, muitos meses antes de realmente essa transição vir a acontecer. Machado quando falava do xarope, imaginava o Império que estava presente no país a tanto tempo e sempre tinha contado com o apoio e admiração de praticamente todos. Machado parece pensar que não seria difícil para a maioria abandonar as ideias monarquistas, mesmo para aqueles que haviam recebido muitas vantagens com esse governo. Diz que se tivesse tempo inventaria o “xarope da Cidade”, que sua principal diferença somente seria o nome. Acredita que, como no caso do xarope, a República seria facilmente aceita se mantivesse algumas situações. Se as elites conseguissem se perpetuar no poder, para elas não importaria a forma de governo. Poderiam abandonar a tradição monárquica, se o progresso republicano viesse com perpetuação das elites no poder.

### 3. Terceiro Capítulo

#### 3.1 Relação entre Abolição e o momento transitório.

A abolição da escravatura é um assunto recorrente na literatura de Machado de Assis. O autor enxergava as conexões existentes entre as possibilidades desse evento e a possibilidade do advento da República. Tentava enxergar a abolição a partir de causas que não estavam diretamente expostas em um discurso oficial. As questões centrais da nação sempre tinham em Machado um verdadeiro interessado. Queria sempre entender quais as motivações de grupo que levavam a determinada medida. A questão da abolição é sem dúvida algo que lhe chamava muito atenção.

Na crônica de 04 de maio de 1888 de *Bons Dias*<sup>108</sup> o narrador diz que está doente, o que o impossibilita de estar mais atento às questões políticas que estavam ocorrendo na nação, o discurso da Princesa Isabel sobre o anúncio da lei da abolição, imagina o narrador que deva ter sido ocasião solene. O discurso citado por Machado de Assis aconteceu em 3 de maio de 1888, dia no qual a Princesa Isabel na abertura dos trabalhos legislativos, perante os deputados e senadores do Império, tinha feito um discurso falando sobre a extinção do “elemento servil”.<sup>109</sup> O narrador comenta que chegou mesmo a pensar em vestir uma casaca e ir até o senado para observar toda a cerimônia, se isso não fez foi porque sua condição de saúde não o permitia. Machado na crônica parece ver com bons olhos o anúncio da abolição, pois comenta que a cerimônia era solene. De todo modo era um assunto que lhe interessava em muito e fez parte de outras situações em sua obra.

Na primeira crônica de *Bons dias* de 5 de abril de 1888<sup>110</sup>, Machado já discute brevemente a questão da Abolição, fala a respeito de um discurso proferido no *Clube Beethoven*. Que segundo Magalhães era frequentado por Machado de Assis. Nesse lugar aconteceu um evento que marcava a renúncia de Ferreira Viana dessa instituição e iria assumir o cargo de Ministro da Justiça do novo gabinete chefiado pelo Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira. Essa mudança fazia parte de um momento de transição política, que decretava o fim do gabinete conversador de Barão de Cotegipe, partidário intransigente da manutenção da escravatura. Em seu lugar iria assumir um gabinete também conservador,

---

<sup>108</sup> Idem, p.53.

<sup>109</sup> MAGALHÃES, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, pp. 123.

<sup>110</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...*Op.cit, p. 35.



porém decidido a investir na abolição dos escravos.<sup>111</sup> Nesse banquete Ferreira Viana teria dito que pretendia fazer a abolição imediata e sem qualquer indenização aos senhores de escravos. Esse discurso teria repercutido na sociedade e gerou ataques a jornais abolicionistas.<sup>112</sup> Na crônica Machado falou a respeito do discurso no Beethoven, dizendo que achava perigoso que uma pessoa diga claramente o que pretendia fazer, o melhor seria fazer calado. Machado concorda com o processo abolicionista, todavia percebia que para muitos setores da sociedade ela com certeza não seria bem recebida, por isso em sua crônica posiciona-se contrário a tal discurso inflamado. Na continuação dessa mesma crônica o narrador comenta que agir em silêncio é algo típico seu e era um ponto que o aproximava do príncipe o que lhe propiciava dignidade. Se em primeiro momento parece que fala de Dom Pedro II, provavelmente faz de propósito. Na verdade fala de Bismark, que segundo ele tomava todas as decisões sozinho, sem ajuda de um programa público. Machado mesmo sendo favorável ao Império age com certo sarcasmo, pois quando tudo indica que esta falando de Dom Pedro II, está na verdade falando de Bismark. As mudanças políticas que envolviam a abolição permite com que Machado use de ironia contra o próprio Império a que sempre se mostrou fiel. Esses momentos de incertezas políticas também deviam afetar a imagem da Monarquia e talvez por esse motivo Machado sedêa liberdade de criticar de forma velada essa instituição.

Na crônica de 19 de abril de 1888<sup>113</sup> já citada anteriormente de *Bons Dias* o assunto é um discurso do Senhor José Luís Fernandes Vilela, no qual defende que a questão da abolição não deveria ser discutida porque ela já não existia mais. O discurso ao que parece teve muito receptividade, pois inclusive pelo que conta o narrador, houve uma abaixo-assinado com cerca de seiscentasmil assinaturas apoiando-o. O narrador lembra que não teve tempo de conferir os nomes assinados. Acreditamos que exista aúma dose de ironia ao desconfiar da legitimidade das assinaturas. O narrador conclui que existem sim escravos, e que as pessoas que apóiam esse discurso eles próprios os são. E que além do mais o discurso proferido tem significados diferentes dependendo do lugar de o ouvinte se encontra: parado com um guarda chuva de baixo do braço ou trabalhando com uma enxada na mão. Acreditamos que as pessoas que apóiam o discurso são chamadas de escravos por dependerem de políticas de favor, na qual são obrigadas a apoiar um discurso da elite rural. Para essa elite o escravo era a riqueza da nação, pois desempenhava o papel do trabalhador

---

<sup>111</sup> MAGALHÃES, Raimundo. *Vida...* Op.cit. 120 a 121.

<sup>112</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>113</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...* Op.cit, p. 47 a 48.

braçal tão essencial em uma economia eminentemente rural, mas ao mesmo tempo tão desvalorizada, pois se via na ausência da necessidade de trabalhar um sinal para legitimar um lugar de destaque na hierarquia social. A necessidade do trabalho era algo visto com maus olhos pela elite social. Principalmente tratando-se de trabalho manual. Enquanto os sujeitos das classes intermediárias, por desempenharem papéis em trabalhos não-manuais, enfatizavam a diferença entre estes os trabalhos manuais. O trabalho é desvalorizado porque segue uma lógica do direito escravista, ela determina que alguns homens sendo propriedade de outros devem desempenhar trabalhos manuais para seus proprietários. Uma das consequências disso é que os trabalhadores não-manuais ficam impossibilitados de comprovar seu discurso, o qual argumentava que sua superioridade social derivava de seus dons e méritos próprios. Imaginavam que com a abolição poderia existir a comparação que confrontasse as capacidades dos indivíduos e legitimaria seu lugar na sociedade, determinando sua superioridade em relação aos trabalhadores manuais, o que os colocaria em uma posição de igualdade com as classes dominantes.<sup>114</sup> O que não leva em conta o fato de sua posição ter sido alcançada por meio por uma política de favor, e o fato de que com a abolição o estigma social não permitiria uma comparação adequada de seus méritos com os das classes médias. Mesmo que as classes médias buscassem a abolição, por ver nisso uma possibilidade de legitimação, e por não estarem tão diretamente ligadas às possíveis consequências negativas do processo, como as elites rurais tradicionais, não se pode deixar de lado o interesse da elite na questão, que em geral não era favorável a abolição. Ao se dar conta da inevitabilidade dessa situação, utilizam-se das leis existentes em seu favor, apoiando a ideia que o fim da escravidão era eminente e que não deveria se pensar em uma abolição total em curto prazo.<sup>115</sup> O discurso na crônica de 19 de abril, no qual é defendido a ideia que não existiam mais escravos, representa uma discurso da elite que defendia que as leis antiescravistas seriam as responsáveis do liquidar a questão. Todavia essas leis, como a lei do ventre-livre e do sexagenário, permitiam que a escravidão se perpetuasse por longo tempo.

Na crônica de 11 de maio de 1888 <sup>116</sup> o narrador argumenta que muita gente na rua faz alvoroço e comemora a abolição. Todavia para ele, essas pessoas não tinham ciência das motivações para esse processo ter ocorrido. O narrador deixa claro que não acha apropriado tanta alvoroço, para tão poucos esclarecimentos. Observem o trecho a seguir:

---

<sup>114</sup> SAES, Décio. *A Formação...* Op.cit, p. 283.

<sup>115</sup> Idem, p. 199.

<sup>116</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...* Op.cit, p. 56.

[...] Não foi o ato das alforrias em massa dos últimos dias, essas alforrias *incondicionais*, que vêm cair como estrelas no meio da discussão da lei da abolição. Não foi; porque esses atos são de pura vontade, sem a menor explicação. Lá que eu gosto da liberdade, é certo; mas o princípio da propriedade não é menos legítimo. Qual deles escolheria? Vivia assim, como uma peteca (salvo seja), entre as duas opiniões, até que a sagacidade e profundidade de espírito com que Deus quis compensar a minha humildade, me indicou a opinião racional e os seus fundamentos.[...]

Nesse momento Machado discute o fato da abolição ter ocorrido a partir de alforrias incondicionais, não exigir indenizações ou algum tipo de obrigação aos escravos. A abolição determinada pelo Império visava atender as reivindicações dos abolicionistas, para tentar frear as pressões republicanas. Talvez seja esse fato que o autor pensa ao analisar a situação como de “pura vontade, sem a menor explicação”. Continua argumentando que gosta de liberdade, mas que a propriedade privada é um princípio legítimo. Nesse caso, talvez esteja se referindo aos proprietários de escravos que não tiveram suas indenizações, como gostariam. A questão é que o grupo dos fazendeiros escravocratas era um dos principais alicerces da Monarquia, ao se verem debilitados por uma medida do próprio governo, não tiveram força, nem interesse em continuar apoiando-o, que ficou a mercê dos interesses republicanos das classes dominantes mais dinâmicas e da classe média.<sup>117</sup> Ao final o narrador sugere que o Brasil é antes uma oligarquia absoluta do que uma monarquia constitucional. O principal motivo para o processo de abolição até a proclamação da república visivelmente é encarado por Machado como consequência do interesse de parte das elites rurais em uma maior independência do poder centralizador do Império.

A crônica de 26 de junho de 1888<sup>118</sup> começa apresentando um livro russo chamado *Almas mortas* de autoria de Gogol. Diz o narrador que os camponeses que lavram a terra de um proprietário são as almas e pelos quais, conforme a quantidade, ele precisa pagar um taxa ao Estado. Mesmo que alguns desses camponeses morram (almas mortas), o proprietário precisa pagar o valor correspondente do último recenseamento e somente pagará valor diferente quando houver nova contagem do governo. Conta que um espertalhão chamado Tchitchikof comprou vários registros dessas almas mortas por um pequeno valor, e quanto tinha o registro de vários revendeu todos de uma vez por um alto valor, omitindo o fato de elas só existirem no papel. O narrador das crônicas pensa que poderia haver coisa semelhante no Brasil, se o governo realmente pagasse um indenização pelo escravos

<sup>117</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia...* Op.cit, 297.

<sup>118</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...* Op.cit, p. 84 a 86.

libertos. Poderia acontecer de alguém querer comprar os escravos de fazendeiros desinformados por um valor irrisório, colocando na escritura de venda uma data anterior a abolição. O sujeito em posse de documentos que comprovavam que era dono de muitíssimos escravos só teria que esperar as indenizações do governo para ganhar uma fortuna. A questão central dessa crônica são as possíveis indenizações que não chegaram a acontecer. O não pagamento de indenizações abalou profundamente os fazendeiros escravocratas como os do Vale do Paraíba. Esses fazendeiros que eram aliados da Monarquia passavam por dificuldades, principalmente queda da produtividade, o que os fez apegarem-se ainda mais às suas grandes lavas de escravos, provindas de épocas de forte poder econômico. Opunham-se a alguns objetivos dos fazendeiros que tinham produção mais dinâmica e eficiente, e que já não estavam tão apegados ao trabalho escravo por contarem com imigrantes em suas lavouras. Os fazendeiros do Vale do Paraíba não concordavam com as exigências dos grupos de fazendeiros mais dinâmicos, que pretendia que o governo estimulasse a imigração e a construção de estradas de ferro em suas regiões. Consideravam que o Império estaria onerando os cofres públicos com os interesses particulares, ao mesmo tempo em que abandonava a própria sorte as classes rurais que os apoiava.<sup>119</sup> O não pagamento de indenização foi o golpe final que desestabilizou ainda mais os fazendeiros decadentes e deixou a Monarquia sem os alicerces que poderiam protegê-la contra pressões republicanas.

Em *Esaú e Jacó*, existe um capítulo que apresenta a questão da abolição intitulado *Desacordo no Acordo*<sup>120</sup>. Quando ficaram sabendo da notícia da abolição da escravidão, os dois gêmeos concordavam e recebiam contentes a notícia, pois enxergavam nesse ato um progresso necessário. Todavia o contentamento tinha razões diferentes. Pedro enxergava como um ato de justiça e Paulo como o início da revolução. Como a abolição foi feita pelo Império com o Discurso da Princesa Isabel, Pedro via nisso um ato de justiça operado pela realeza, enquanto Paulo via no mesmo fato o início da revolução republicana. Paulo chegou a dizer uma frase que circula na época, no fim de um discurso: “A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco.” A frase escandalizou Natividade, pois tinha medo de represálias que poderia sofrer seu filho com um discurso contra o poder imperial. Todavia o republicanismo estava em ascensão e seu discurso somente ajudou a corroborar o pensamento de quem acreditava que a abolição traria consigo o fim da Monarquia.

---

<sup>119</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia...* Op.cit, p . 308 a 309.

<sup>120</sup> ASSIS, Machado de. *Esaú...* Op.cit, p.68.

Machado de Assis ao tratar do tema da Abolição não se limita ao fato isolado da alforria aos escravos, tenta problematizar a questão. Apesar de existir em sua obra um discurso que denuncia o absurdo da escravidão, não se deixa empolgar pelas aparências, entendia que alforriado o escravo esse seria entregue a própria sorte. Segundo Carvalho, com a abolição se intensificou o desemprego,<sup>121</sup> enquanto outros libertos continuaram nas fazendas recebendo um salário insignificante e sofrendo violências. A abolição fez parte de mudanças políticas e econômicas que também contribuíram para o fim do Império. Os grupos republicanos abolicionistas e republicanos escravocratas buscaram o fim da Monarquia que já estava abalada, e que só intensificou a situação abolindo a escravidão.

### 3.2 A Monarquia de Assis

As obras de Machado de Assis *Bons Dias* e *Esau e Jacó* propiciam uma análise profunda a respeito do Segundo Reinado brasileiro. Isso porque o livro *Esau e Jacó* apesar de ter sido escrito já no período republicano, tem como foco principal o Império, enquanto *Bons Dias* retrata os momentos finais da Monarquia. Ambas as obras estão cheias de observações sobre o período imperial. Como no caso em *Esau e Jacó*, no capítulo intitulado *Quando tiverem barba*, o narrador conta a história das barbas de dois sujeitos:

[...] A primeira daquelas barbas era de um amigo de Pedro, um capucho, um italiano(...)Trata-se de um frade. Pedro não lhe conheceu a barba preta, mas já grisalha, longa e basta, adornando uma cabeça máscula e formosa. A boca era risonha, os olhos rútilos. Ria por ela e por eles, tão docemente que metia a gente no coração. Tinha o peito largo, as espáduas fortes. O pé nu, atado à sandália, mostrava agüentar um corpo de Hércules. Tudo isso meigo e espiritual, como uma página evangélica. A fé era viva, a afeição segura, a paciência infinita (...) despediu-se um dia de Pedro. Ia ao interior, Minas, Rio de Janeiro, São Paulo, — creio que ao Paraná também (...) Quando voltou trouxe-nos a todos grande alegria e maior espanto. A barba estava negra (...) negríssima e brilhantíssima. Não explicou a mudança, nem ninguém lhe perguntou por ela; podia ser milagre ou capricho da natureza; também podia ser correção de homem, posto que o último caso fosse mais difícil de crer que o primeiro (...) feita outra viagem por trinta dias, a barba apareceu de prata ou de neve, como vos parecer mais branca.

Quanto à segunda de tais barbas, foi ainda mais espantosa. Não era de frade, mas de maltrapilho, um

<sup>121</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados...*Op.cit, p. 16.

sujeito que vivia de dívidas (...) Chegou aos cinqüenta anos sem dinheiro, sem emprego, sem amigos. A roupa teria a mesma idade, os sapatos não menor que ela. A barba é que não chegou aos cinqüenta; ele pintava-a de negro e mal, provavelmente por não ser a tinta de primeira qualidade e não possuir espelho (...) Um dia dobrou a esquina da Vida e caiu na praça da Morte, com as barbas enxovalhadas, por não haver quem lhas pintasse na Santa Casa.[...]

O frade pode ser compreendido com uma representação metafórica do Império. Uma representação que credita a Monarquia qualidades como força, estabilidade, paciência infinita, credibilidade, simpatia. O que faz sentido se lembrarmos que Machado respeitava e admirava a estabilidade do governo de Dom Pedro II. O que também reforça a hipótese do frei representar o governo monárquico são as cidades que ele foi viajar, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. John Gledson contribui com uma interessante análise, apontando para o fato dessas regiões serem as responsáveis pelo cultivo de café, e com a intensificação desse cultivo existiu uma expansão econômica, que culminou no desenvolvimento urbano de muitas cidades. Defende que as barbas de cor negra representam tanto o café, como o trabalho escravo e o fato de ficar brilhantíssima, por causa da riqueza que foi produzida nesse momento. Quando a barba volta a ficar branca, simboliza o fim de um período de crescimento econômico derivado do café. Quanto ao maltrapilho, simboliza um ideal de República lunática, que não tinha qualidades e que era delirante e sem sentido.<sup>122</sup> O interessante nesse trecho do livro é perceber a imagem positiva atribuída ao Império. Machado atribuiu à Monarquia inúmeras qualidades, mesmo que perceba que ela teve um momento de expansão e depois momentos de estagnação econômica, mesmo assim continua digna de admiração. Enquanto a República é retratada sem sentido, sem recursos econômicos. Ao pintar a barba, mostra uma imagem diferente da realidade, todavia essa intenção fica óbvia por estar mal pintada, tinha um discurso diferente dos verdadeiros interesses.

No mesmo capítulo de *Quando tiverem Barbas* em outro momento, os gêmeos Pedro e Paulo tinham respostas diferentes para a pergunta sobre a data que nasceram. Quando perguntados, Pedro respondia que tinha nascido em 07 de abril de 1870, data que sua Majestade Dom Pedro II subiu ao trono, enquanto Paulo respondia que tinha nascido na data que Pedro I caiu do trono. Representam visões opostas sobre a Monarquia, o primeiro vê a data com o início de um período de estabilidade, gosta de relacionar seu nascimento com um momento importante para a monarquia brasileira. O segundo, somente pensa em

<sup>122</sup>GLEDSOON, John. *Machado...*Op.cit, p. 179.

relacionar seu aniversário com a queda de Pedro I, porque gosta de enfatizar os problemas do Império, quer dar a ideia de governo instável. Esses dois personagens representam visões opostas da Monarquia. Machado de Assis mesmo simpatizando com a Monarquia, não deixa de representar os sujeitos que eram contrários a ela. Paulo representa um discurso que via no Império um empecilho para progressos necessários a Nação. Dessa forma ela era alvo de intensas críticas, que tinham como objetivo evidenciar seus mais profundos problemas.

Em vários momentos Machado de Assis apresenta situações que demonstra a instabilidade ao qual a Monarquia passava antes de ser substituída pela República. Na crônica de 11 de maio de 1888 em *Bons Dias*<sup>123</sup>, como já observei é dito que a Monarquia está saindo dos eixos, uma oligarquia está se formando e via o regime político como um entrave para sua maior independência. Enquanto parte da elite rural queria o fim da Monarquia, almejando uma República Federalista, a Monarquia acabava com um dos seus principais alicerces ao abolir a escravidão e desestruturar as classes rurais tradicionais, que eram sua aliada. Sem grupos de apoio, seu fim foi representado por Machado de Assis com uma certa dose de indiferença de boa parte da sociedade.

Na crônica de 26 de agosto de 1888 de *Bons Dias*<sup>124</sup>, o narrador fala da chegada do Imperador de uma de suas viagens internacionais, fala que viu manifestações públicas e iluminações, as quais gostou muito. O Imperador foi recebido com homenagem de muitas pessoas, sendo que o narrador da crônica diz que gostou do acontecimento. Machado mais uma vez se mostra favorável ao governo monárquico. Apesar das boas vindas ao Imperador, disse também que houve alguns petelecos e sangue pelas redondezas. Quem sabe não representem grupos republicanos que queriam se manifestar contra o Império e que foram contidos com violência. Ademais, o inverso também ocorria, na crônica de 27 de dezembro de 1888 em *Bons dias*<sup>125</sup> o narrador relata que várias pessoas que saíam de uma conferência republicana foram atacadas com pedras, tiveram mesmo que chamar a polícia para conter os ânimos. As crônicas representam uma sociedade que em parte valoriza o Império e em outra parte o repudiava, isso poderia inclusive levar a violência entre os grupos.

No capítulo de 14 de junho de 1889<sup>126</sup>, o narrador ao comentar sobre alguns remédios e a medicina cita dois Impérios conhecidos pelo auge que atingiram e pela sua degradação:

---

<sup>123</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...*Op.cit, p. 58.

<sup>124</sup> Idem, p. 109.

<sup>125</sup> Idem, p. 145.

<sup>126</sup> Idem, p. 196.

[...] Todas essas drogas curavam, assim as legítimas como as espúrias. Se já não curam, é porque todas as coisas deste mundo têm princípio, meio e fim (...) nesse sentido é que pode comparar um jornal antigo ao cemitério, mas ao cemitério de Constantinopla (...) Plínio, falando da medicina em Roma, afirma que bastava alguém dizer-se médico para ser imediatamente crido e aceito[...]

As drogas ao que o narrador se referem podem ser compreendidas com uma metáfora do período imperial. Houve o tempo em que determinada droga curava, mas ela parou de curar e de ser aceita. O que é passível de uma comparação com a monarquia, que atingiu um auge, era admirada e respeitada. Entretanto, para ela como para as drogas, existe um princípio, um meio e um fim. Cita Constantinopla e Roma, por terem sido impérios poderosíssimos, todavia que não conseguiram se manter no poder para sempre. Acreditamos que o narrador via que a Monarquia brasileira tinha sido glorificada e admirada no passado, porém ela não tinha mais o mesmo nível de aceitação, poderia até mesmo chegar ao fim por esse motivo.

No capítulo de 29 de junho de 1889 de *Bons Dias*<sup>127</sup>, o narrador fala a respeito de uma notícia que pegou-o de surpresa, o partido do General Guzmán Blanco tinha sido dissolvido na Venezuela. Segundo nota de John Gledson<sup>128</sup>, era ditador da Venezuela desde 1870. O narrador observa que não compreendia direito a notícia, principalmente o fato de um regime há anos no poder ser dissolvido de uma hora para outra. No meio da crônica muda de assunto dizendo que tinha visto um artigo muito interessante sobre republicanos em Vassouras, então distrito do Rio de Janeiro. A notícia apresenta o interesse dos habitantes da região de eleger um candidato republicano, que pudesse atender as necessidades do lugar e trabalhar em prol da federação. Machado escreve essa crônica apresentando um governo aparentemente sólido que tinha sido derrubado de uma hora para outra e depois fala a respeito dos ímpetus de um grupo que queria ter mais representatividade a partir de uma federação. Apesar de não dizer diretamente, analisando a crônica é fácil imaginar que ela queira representar os grupos regionais interessados no federalismo como os principais interessados na queda da Monarquia brasileira, por verem nela um poder centralização que não atendia as necessidades individuais das regiões e não dava liberdade para que elas agissem como lhe convinham. A queda do governo na Venezuela parece mesmo ter interessado Machado pois em *Esaú e Jacó* também cita esse evento, no capítulo *Recuerdos*<sup>129</sup>, no qual o Conselheiro Aires lembra que estava em Caracas quando o governo

---

<sup>127</sup> Idem, p.197

<sup>128</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>129</sup> ASSIS, Machado de. *Esaú...* Op.cit, p. 74.



caiu, na companhia de um bela moça, tinha ficado assustado com as incertezas de um governo em queda e outro em ascensão. Machado fala a respeito do mesmo evento também em *Esau e Jacó*, por relacionar essa situação com o fim do Império brasileiro. Para mostrar que a queda de um governo duradouro não é somente algo exclusivo ao Brasil.

No capítulo de 06 de junho de 1888, a crônica de *Bons dias* fala respeito de discussões no senado a respeito da ideia de federalizar o Brasil, que existiam muitos projetos e interesses a esse respeito. Algo que seria mesmo positivo aos políticos, pois quem não conseguisse entrar no senado geral, poderia entrar em um provincial.<sup>130</sup> Machado ao que parece com suas representações entende que interesses de grupos da elite em federalizar a nação encontravam algum empecilho na Monarquia, por isso buscavam na ideia republicana uma saída para continuar e fortificar suas oligarquias. Quem sabe o fato dos irmãos Paulo e Pedro, o primeiro republicano o segundo monarquista, serem gêmeos, não sugere que os dois governos por serem marcados pelos interesses de grupos oligárquicos, são mesmo parecidos.

Machado retrata a Monarquia como um governo digno de respeito e admiração, mas que chegou ao ponto de não conseguir mais o apoio para se sustentar no poder. Alguns grupos viam o Império como um atraso à nação e um bloqueio aos seus interesses. Somando isso o fato de que antigos defensores da monarquia com Batista,<sup>131</sup> apesar do choque do fim do governo, demonstram conseguir lidar bem com o novo governo, abandonando seus ideais monárquicos. Acreditamos que Machado percebia que o Império estava em crise e que isso levou ao fim do regime, ao qual ele acreditava ter sido digno de muito respeito e admiração.

### 3.3 República de Assis.

Machado de Assis trata em sua literatura a respeito de vários momentos que marcam a história da República. Desde seus rumores, o momento de transição e até os seus primeiros anos. Uma passagem interessante na crônica de 27 de maio de 1888<sup>132</sup>, retrata a conversa entre um meteorólito que caiu no Brasil e a pessoa responsável por levá-lo ao Rio de Janeiro. O meteorólito perguntou porque tinha pessoas que queriam impedir a viagem ao Rio de Janeiro. Obtém a resposta que é por causa da questão de federalismo, porque tinha pessoas que acreditavam que por cair na Bahia deveria ser responsabilidade da província, mas que

<sup>130</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...*Op.cit, p. 91.

<sup>131</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...*Op.cit, p. 57.

<sup>132</sup> ASSIS, Machado de. *Bons dias...*Op.cit, p. 70 a 73.

também tinha quem acreditasse que por cair no Brasil, era responsabilidade nacional. O sujeito explicou que haviam muitas discussões a respeito de um estado federalista, não importando se fosse o chefe do estado um imperador ou um presidente. Contou a respeito de pensamentos republicanos que estavam na cabeça de muita gente. Revelou que tinha lido em um jornal que se a República tivesse sido decretada há anos, a abolição teria acontecido muito tempo antes. Nesse momento foi interrompido, ouvindo que antes de ser meteorólito, seu companheiro de viagem tinha sido general nos Estados Unidos, e que na República norte-americana em seu início a constituição declarava que a escravidão era o principal alicerce do país. Machado fala aqui a respeito de uma república escravocrata, que tinha realmente sido o desejo de grande parte das elites rurais, que lutavam contra o centralismo do poder imperial, mas não contra a escravidão.<sup>133</sup> Algo que o preocupava, pois não lhe agradava a ideia de poderosas oligarquias regionais.

Um momento muito interessante para compreender a representação de Machado de Assis sobre o advento da república está no capítulo *Tabuleta Nova* em *Esau e Jacó*, ao qual já me referi anteriormente.<sup>134</sup> Custódio era dono de uma Confeitaria chamada *Confeitaria do Império*, mandou pintar uma nova tabuleta porque a anterior estava deteriorada. O fato é que o pintor entregou a placa exatamente no dia da proclamação da república. Dessa forma Custódio teve que cobrir a placa por medo a reação da população. Preocupado vai pedir orientação ao Conselheiro Aires, sobre o que fazer com a placa. Temia que alguns indivíduos republicanos quisessem destruir seu negócio, que levava o nome do governo derrubado. O conselheiro propôs que trocasse o nome para *Confeitaria da República*, porém Custódio não achou uma boa ideia porque acreditava que talvez a Monarquia pudesse reassumir o poder e para ele ficaria a imagem do traidor do regime. Custódio acreditava que ele não tinha relação com a política, não interessava-se por ela. A questão que o aflige não é necessariamente o início de um novo governo, tão diferente do anterior e sim a ideia que tivesse prejuízo com a situação, por desagradar as lideranças do novo regime. Não lhe importava que a República ficasse no poder, ou fosse logo derrubada, queria encontrar um nome para seu comércio que garantisse que não seria alvo de perseguição em ambos os casos.

Momento de muito significado para entender as representações a respeito da República está no capítulo *Paz* de *Esau e Jacó*<sup>135</sup>. Nesse capítulo Machado apresenta o

---

<sup>133</sup> SAES, Décio. *A Formação...* Op.cit, p. 246.

<sup>134</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit, p. 111.

<sup>135</sup> Idem, p. 114.

encontro de Santos com o Conselheiro Aires para conversar sobre a notícia do advento da República:

[...] — É verdade, conselheiro, vi descer as tropas pela Rua do Ouvidor, ouvi as aclamações à república. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se não abrem mais, se vamos cair na desordem pública; é uma calamidade (...) Aires quis aquietar-lhe o coração. Nada se mudaria; o regime, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis. No sábado, ou quando muito na segunda-feira, tudo voltaria ao que era na véspera, menos a constituição (...) Nenhuma feição de Santos mostrou apreciar ou entender (...) Ao contrário, todo ele parecia entregue ao presente, ao momento, ao comércio fechado, aos bancos sem operações, ao receio de uma suspensão total de negócios, durante prazo indeterminado [...]

A aflição de Santos que sempre se mostrou favorável ao Império e contra a República, não era necessariamente a mudança de regime em si. Sua preocupação é com o comércio e com os bancos, seu ambiente de trabalho. Aires responde que mesmo mudando o regime, nada mudaria, que o comércio e os bancos eram indispensáveis. Mesmo assim Santos ficou preocupado, tinha medo que houvesse uma suspensão total dos negócios. Como Custódio, o que preocupava Santos eram os prejuízos que a situação poderia gerar. Para ele, que era membro da elite, o medo de uma desestabilização econômica era maior que os gerados pelos ideais de um monarquista tendo que lidar com a realidade da República.

O Conselheiro Aires é uma figura que representa a elite, indivíduo inteligente e bem informado, todavia para ele também a República foi uma surpresa, pois quando ela veio, saiu observando seus indícios, mas sem compreender direito o que estava acontecendo.<sup>136</sup> O que Machado de Assis queria mostrar com sua representação desse momento, é que acreditava que mesmo para muitos membros da elite a transição política repentina não era totalmente compreensível. Quando seu Criado disse que tinham morrido três ministros durante o golpe de mudança política, Aires apesar de ser pego desprevenido, tinha uma opinião sobre o assunto. Respondeu que os mortos, talvez ficassem vivos. Uma referência a fato de que políticos ligados a Monarquia, que perderam seus postos com a república, poderiam voltar a ocupá-los quando a situação se acalmasse. Mesmo sendo defensores do Império ou da República, o principal interesse da elite era continuar com seu lugar privilegiado socialmente, essa parece ser a ideia que Machado de Assis desenvolve em sua literatura.

---

<sup>136</sup> Idem, p. 108.

Os gêmeos Pedro e Paulo, apesar de seus discursos fervorosos em defesa das visões políticas diferentes que tinham, fazem parte de uma elite que viu a Proclamação da República, sem realmente ter grande participação em todo esse processo. No capítulo *Salmão*<sup>137</sup>, ambos os jovens imaginam poder organizar movimentos de luta, um para derrubar a monarquia o outro para extirpar o gérmen republicano e no capítulo *A noite inteira*<sup>138</sup>, Pedro sabendo da República planeja organizar um movimento de oposição, mas nada faz de fato. Enquanto Paulo fica atônito sem entender como tudo aquilo tinha acontecido, chega a conclusão que o regime estava podre e que não foi difícil lhe fazer cair. Mesmo tendo fortes opiniões a respeito da situação política, Machado demonstra que não tiveram relação direta com os eventos. O que é uma visão compatível com um pensamento que creditava as classes médias e mais especificamente aos militares a derrubada do Império. Apesar da participação das classes médias no evento não houve uma alteração das elites, que continuaram no poder.<sup>139</sup> Ou como diz Costa, a República não trouxe nenhuma classe nova ao poder, a hierárquica social não foi alterada e o regime de propriedade foi mantido.<sup>140</sup>

Com o advento da República. Pedro acaba por aceitar o novo governo, demonstrando que seu espírito monarquista não era tão intenso com seu espírito moderado e conservador. Como a República acabou se instalando aceitou a situação sem grandes problemas. Ao passo que Paulo não viu no novo governo a República dos seus sonhos, por isso teve intenção de modificá-la, seu espírito contestador não tinha morrido com a Monarquia.<sup>141</sup> Os jovens foram então eleitos cada qual para um partido político como deputados, Pedro defendendo que o governo estava perfeito e Paulo defendendo a necessidades de profundas mudanças. Os dois se adaptaram rápido a realidade republicana e conseguiram posições privilegiadas no governo. Uma representação que mostra a elite conseguindo sua manutenção no poder político. Machado também retrata o período de Encilhamento na República. Para Carvalho esse fenômeno foi um período de agitações financeiras, que surgiu ainda no tempo do Império, uma emissão de enorme quantidade de dinheiro para aplacar a necessidade de cafeicultores e de uma demanda real de moeda para pagamentos de salários. Os bancos tinham o direito de emitir dinheiro e a cidade do Rio de Janeiro foi inundada de moedas e de uma febre especulativa. O processo se intensificou nos primeiros anos da república, onde

---

<sup>137</sup> Idem, p. 79.

<sup>138</sup> Idem, p. 119.

<sup>139</sup> SAES, Décio. *Classe Média...* Op.cit, p.58.

<sup>140</sup> COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia...* Op.cit, p. 295.

<sup>141</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...* Op.cit. 181.

uma oscilação cambial fazia e desfazia milionários rapidamente, uma autêntica república de banqueiros, na qual a lei era enriquecer a qualquer custo.<sup>142</sup>No capítulo *Um Eldorado*<sup>143</sup>é apresentado uma cidade que fervilhava em empréstimos, exportações, importação, construção de fábrica, bancos, estaleiros, uma situação que tinha nome, encilhamento. A família Santos parecia ainda mais rica do que era anteriormente, cada irmão tinha seu próprio *coupé*, sendo que até mesmo seus lacaios se vestiam de uma forma sublime. Machado também trata do encilhamento no capítulo *Alusão ao texto*, quando trata da riqueza de Nóbrega, que conseguiu sair da pobreza através de negócios escusos.<sup>144</sup>

Machado a partir de sua representação demonstra uma visão da República nem tanto como um clamor popular, mas como parte de interesses de grupos oligárquicos que pretendiam obter maior poder político. Demonstra que durante os principais momentos de transição política a população em geral não compreendia a situação, principalmente se tratando de indivíduos humildes que estavam fora da elite política e econômica. Apesar das profundas mudanças no governo, muitas situações se perpetuavam com o estabelecimento da República. As elites continuavam sendo privilegiadas, a população pobre continuava sendo excluída das questões políticas apesar dos discursos democráticos.

---

<sup>142</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados...*Op.cit, p.20.

<sup>143</sup> ASSIS, Machado de. *Esau...*Op.cit, p. 127.

<sup>144</sup> Idem, 129.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As obras *Bons Dias e Esaú e Jacó* de Machado de Assis são representações literárias que dizem muito do momento de transição política brasileira. São relevantes para um entendimento desse evento, pois a História pode usar a Literatura para analisar a forma como ela constrói ou representa a sua relação com a realidade social. Além do fato da literatura ser pertinente para a compreensão histórica, o estudo das obras de Machado de Assis ganha mais relevância por seus temas sempre estarem relacionados com questões políticas do seu tempo, ele mesmo afirmava que se deve exigir do escritor antes de tudo uma aproximação com os assuntos pertinentes ao seu tempo e ao seu país. Porém seu posicionamento nem sempre é claro e objetivo, muitas vezes utiliza-se de sutileza para apresentar suas ideias. Muito de suas críticas são feitas de forma velada, através de pequenos detalhes, tipos de personagens, situações etc.

Seu principal alvo de interesse são as elites, que para ele são o grupo que domina e influencia toda a sociedade. Essa questão fica evidente em ambas as obras estudadas, os temas e as situações retratadas em geral têm como personagens membros da elite. Machado em suas representações vai demonstrando como era o modo de vida desses sujeitos, marcados pela ostentação da riqueza e pela convicção de seu direito de fazer parte do topo da hierarquia social do Império. Utilizam políticas de favor para perpetuar seu lugar privilegiado. Machado retrata como o favor das elites entre si e entre seus grupos de amizade era algo central na sociedade. Machado retrata com menos frequência as outras camadas sociais, porém quando o faz demonstra que são excluídos das questões vitais da nação. A transição política conta com muita indiferença e desconhecimento da maior parte das pessoas. Nas representações do Império e posteriormente da República, a situação de exclusão não se altera.

Questão importante também é a abolição que é apresentada como parte de mudanças políticas e econômicas, que contribuíram para o fim do Império. Assis apresenta situações que relacionam o fim da escravidão promovida pela Monarquia, como um dos motivos que desestabilizou o governo e que levou à consequente transição política. O Império desestruturou grupos escravocratas, que eram um forte alicerce do governo, e com isso ficaram indefesos contra pressões republicanas.

Quando trata da Monarquia sempre apresenta suas qualidades, um governo digno de respeito e admiração. Porém retrata grupos que viam o Império como um atraso à nação e um bloqueio aos seus interesses de grupo. Em suas representações evidencia que a

Monarquia estava em crise diante das ideias republicanas. Ideias que não estavam relacionadas com um clamor popular, mas como parte de interesses de grupos oligárquicos que pretendiam obter maior poder político. Por isso Machado retrata a República com desconfiança. Acredita que durante os principais momentos de transição política a população em geral não compreendia a situação e que apesar das profundas mudanças no governo, muitas situações se perpetuavam com o estabelecimento da República. As elites continuavam sendo privilegiadas, a população pobre continuava sendo excluída das questões políticas a despeito dos discursos democráticos.

**FONTES:**

ASSIS, Machado de. *Bons dias*: Introdução e Notas John Gledson. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Editora Escala, 1997



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BENTO, L. C. A Transição da Monarquia a República no Brasil nas representações literárias de Machado de Assis. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*, Goiás, v.1, n.1, dez. 2010. Disponível em:

<[http://www.cdn.ueg.br/arquivos/revista\\_geth/conteudo/149/artigo5\\_luiz2\\_PRONTO.pdf](http://www.cdn.ueg.br/arquivos/revista_geth/conteudo/149/artigo5_luiz2_PRONTO.pdf)>

Acesso em: 11 jun. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas; o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

\_\_\_\_\_, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998

COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, p. 245.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Teoria Literária, 1986.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. *Conhecimento e Metáfora*. Alea. *Estudos Neolatinos*, V.6, n.1, 2004.

MAGALHÃES, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MAJOR, José Emílio Neto. “*Perdoai-vos uns aos Outros*” ou o Brasil de Machado de Assis. AMARAL, Sonia Guarita do. *O Brasil como Império*. São Paulo: Companhia editora nacional, 2009.

MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis 1839-1870*. Ensaio de biografia intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

OLIVEIRA, Antonio Marcos Vieira de e CÂMARA, Luciano Oliveira. Extensões da metáfora literária. Disponível em:

[www.pglettras.uerj.br/linguistica/jel/2010/resumos/VIJELUERJ\\_SC\\_XXI\\_R02.pdf](http://www.pglettras.uerj.br/linguistica/jel/2010/resumos/VIJELUERJ_SC_XXI_R02.pdf)> Data

de acesso: 11 de jun. 2012.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora*, o espelho de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

SAES, Décio. *A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. *Classe Média e Política na Primeira República Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1975

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as batatas*. Forma Literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades, 1988.

SENNA, Marta de e Heringer, Victor. *Notas dessa edição eletrônica: Esaú e Jacó*, Novembro de 2010 Disponível em:

[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/esauejaco.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/esauejaco.htm). Acesso em: 14 de maio de 2012.

TELES, Gilberto Mendonça. *A teoria do Romance em Machado de Assis*. Estudos de Literatura Brasileira, 1994.

VIANA, Luís Filho. *A Vida De Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.